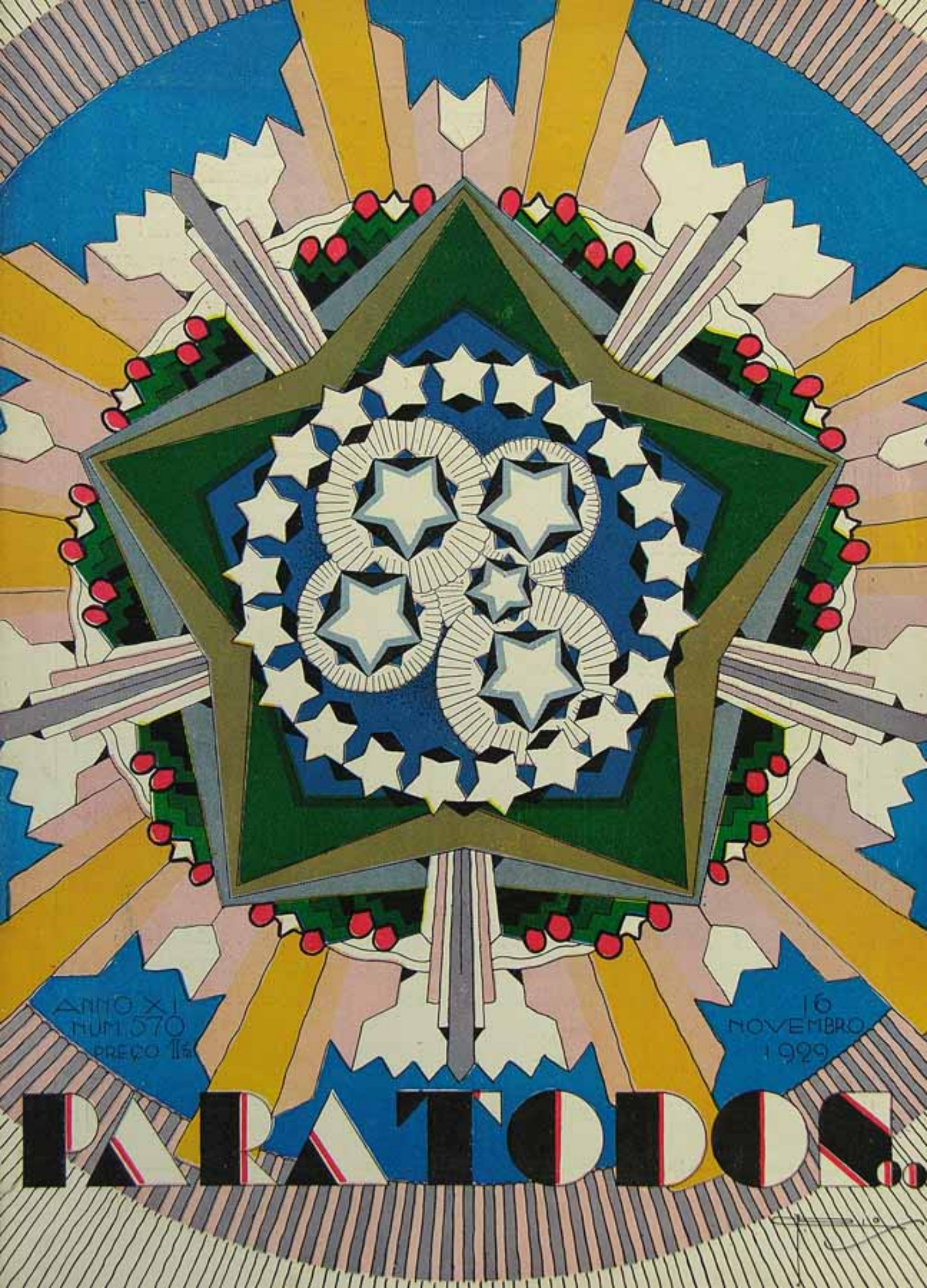




ANNO XI
NUM. 570
PREZZO 1/2

16
NOVEMBRE
1929



**— Como faziam
soffrer a
pobresinha as
suas 'pontadas'
nevralgicas!**

*Um dia, porém, elle a con-
venceu de que devia experi-
mentar a CAFIASPIRINA,
e o effeito foi assombroso.*

*Em poucos minutos cessou
a dor, sem que o seu delicado
organismo soffresse conse-
quencias desagradaveis de
especie alguma.*

**Eis porque o
unico remedio
que inspira aos
dois absoluta fé
e inteira confi-
ança, é a nobre
e excellente**



CAFIASPIRINA

**Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias,
enxaquecas e cólicas menstruaes; consequen-
cias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.**

*Allivia rapidamente, res-
taura as forças e não
affecta o coração
nem os rins.*



Edições Pimenta de Mello & C.

Travessa do Ouvidor (Rua Sachet), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA (dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda):

INTRODUCCÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc.	20\$100
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLO- GICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedratico de Anatomia Pa- thologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Uni- versidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25\$ cada tomo, enc. cada tomo.	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA OU MA- NUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, broch. 30\$ cada vol., enc. cada vol.	35\$000
CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20\$, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$, enc.	30\$000
IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHE- MATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$, enc.	20\$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Rothe, broch. 25\$, enc.	30\$000

LITTERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo.	16\$000
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte.	2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Ole- gario Marianno.	5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra PERFUME, versos de Onestaldo de Pen- nafort.	5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.	5\$000
Miss Caprice — OS MIL E UM DIAS, 1 vol. broch.	7\$000
Alvaro Moreyra — A BONECA VESTI- DA DE ARLEQUIM, 1 vol. broch.	5\$000
Elisabeth Bastos — ALMAS QUE SOF- FREM, 1 vol. broch.	6\$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Car- valho.	8\$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira, de Lin- dolpho Xavier.	8\$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugénia Celso, broch.	5\$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adapta- ção da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor.	5\$000

DIDACTICAS:

A. A. Santos Moreira — FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, 4ª edição.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.	10\$000
Clodomiro R. Vasconcellos — CARTILHA, 1 vol. cart.	1\$500
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEO- METRICAS, de Maria Lyra da Silva QUESTÕES DE ARITHMETICA, theori- cas e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré.	10\$000
APONTAMENTOS DE CHIMICA GE- RAL — pelo Padre Leonel da Franca S. J. — cart.	6\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição).	5\$000
Heitor Pereira — ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, 1 vol. cart. PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Fer- reira de Abreu.	10\$000 3\$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch.	18\$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra far- tamente illustrada, de Eustorgio Wan- derley, 1 vol. cart.	6\$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol. broch. Evaristo de Moraes — PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHO- LOGIA CRIMINAL, 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch.	5\$000 16\$000
CRUZADA SANITARIA, discurso de Amaury de Medeiros (Dr.)	5\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.)	4\$000

DO MESMO AUTOR:

BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	6\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTAO, de Roberto Freire (Dr.)	18\$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe.	10\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CON- SUMO EM 1925, de Vicente Piragibe	6\$000

— O que eu deixo, será repartido em paz pelos meus filhos. Os filhos são iguais. A mamã não tem preferências. Mas a secretária deve pertencer a Egydio. A vocês, que importa isso? — dizia, dirigindo-se às três filhas. — A vossa irmã poderá ser útil.

— Não nos importa nada — respondiam sorrindo as filhas. — Mas por que falas tanto nisso, mamã, como si estivesses prestes a morrer... e como si o teu moço vallesse não sei o quê?

Assim Egydio herdou o bello moço Imperio; e muito tempo antes do que teria imaginado. Pois sua mãe morreu, quasi de repente, de uma syncope cardíaca, numa noite de verão.

E ninguém a tomara a sério, quando dizia, às vezes, que morreria fulminada! E todos, quando a encontravam com as suas meninas, repetiam-lhe, galantes, que ella parecia a irmã mais velha, cumprimento esse que ella escutava com um sorriso ainda roseo de pudor, onde havia algo de compaixão por si mesma.

Estavam todos juntos, mãe, filhos, nora, netinhos, num albergue da montanha.

A mãe qu'zera naquella dia fazer uma excursão; e, ao regresso, passando por uma collina, a um golpe de vento, empallideceu estranhamente e levou a mão ao peito.

Depois, tomando chá quente e um gole de cognac, melhorou. Mas, á meia-noite, o albergue foi abalado por tiltantes campainhadas, e gritos, soluços, protestos, logo reprimidos pelos outros villegiantes.

A pobre senhora, arquejante sobre o leito, rodada por todos os seus, que se afastavam um pouco para não lhe tirarem a respiração, não ponde dizer senão tres palavras. A primeira foi: — Morro. Depois, com um gesto apaixonado duas mãos, chamando para junto della o filho, disse-lhe no ouvido:

— A secretária...

— A secretária — respondeu elle, — sei que fica para mim, mamã; mas tu ficarás boa, mamã...

Ella agitou a cabeça, e se torcia, e engolia palavras impossiveis de se dizer. Parecia pedir papel para escrever; mas, entre os entorpecidos dedos, não podia mais segurar o lapis. En-

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000. 6 mezes, 25\$000. Extrangeiro - 1 anno, 85\$000. 6 mezes, 45\$000. As assignaturas comecem sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinária.

A secretária

tão, chegou o padre; e fez os gestos do seu mistér e murmurou as phrases, sem que a agonizante lhe pudes-se responder.

Um pouco mais tarde teve ainda a força de abrir os olhos, brilhantes de um somno sem despertar, e de mover os labios.

— Que'mo — disse; ou assim pareceram ouvir Egydio e os outros.

Elle encostou-lhe um copo d'agua aos labios; mas a moribunda, virando para traz a cabeça, succumbiu.

Muitas estrellas fugiam, apagavam-se, nessa noite, noite de São Lourenço...

Voltaram para a cidade, e o outomno decorreu, escuro, sombrio e veloz.

Egydio nunca se decidira a tirar o moço da casa onde vivera sua mãe e onde agora estavam as tres irmãs com uma tia, mas a

esposa o persuadiu. Fello, pois, transportar para o seu gabinete de trabalho; e tapava os ouvidos para não ouvir o ruido que fazia, enquanto os carregadores arrastavam-no pelo chão e o encostavam á parede; virava-se para o outro lado, não querendo vel-o, que o mogno lustroso, na tarde chuvosa, parecia quasi negro, e os bronzes dourados que o adornavam, escureciam-no ainda mais.

Elle, Egydio, tinha 30 annos, e até aquelle verão, tivera o privilegio de nunca ver a morte. Estava muito longo, numa viagem d'estudos, quando seu pae adoeceu, e não teve tempo de regressar, antes que a mãe e as irmãs estivessem já vestidas de luto. Lera certa vez, num livro, que duas são as grandes dôres: o soffrimento da mãe que perde o seu filho, e o do filho, a quem morre sua

mãe. Elle imaginava bem a dôr materna; e não comprehendia que houvesse differença de supplicio entre os paes; porque bastava uma bronchitezinha dum dos seus meninos para o desesperar; e até mesmo, sua esposa era mais forte. Mas, da outra dôr, da que fêre, os orphãos de mãe, não tinha tido nunca o sentimento; e se accusava de frieza de sentimentos, porque não sentia essa angustia do futuro; recordava-se com remorso, de não ter tido, por occasião da morte do pae, senão uma longa e immutavel melancolia, quasi a tristeza de não o poder conhecer bem, de não o poder amar como um am'go, esse homem tão reservado e taciturno sómente com um pensamento indecifrável nos olhos, com um sorriso distante na bocca. Mas, como temer, como pensar sómente que lhe pudesse faltar a mãe! ella que nunca estivera doente e que, decerto, falava em morrer fulminada porque não sabia o que era uma enfermidade?

Sempre a reconhecia, de longe, na rua, quando ia bem adeante e elle muito atraz, na mesma direcção. Reconhecia-a pelo andar ligeiro, pelo corte liso do seu traje de passeio que moldava uma cintura de donzella. Então, estugava o passo para alcançá-la, para chamá-la com orgulho: — Mamã! — Quando ella corava de surpresa ou prazer, a côr do seu rosto era uma braxa, sob a cinza da cabelleira grisalha.

E agora fora embora, assim, como si a mão de um assassino a tivesse levado. A principio, elle não teve senão um soluço secco, um grito sem lagrimas; e lhe faltou o pranto. Depois, o abalo aos poucos se lhe aprofundava tornando-se physicamente insupportavel, um vazio dentro d'alma que o fazia despertar. E sempre o desespero de não ter chorado bastante. Durante longas semanas esteve alarimado, como si outra desgraça, outra ruína tivesse que acontecer, como si o destino houvesse agora aprendido o caminho de sua casa. E, entanto, parecia-lhe que não amava mais a mulher e os filhos, de não encontrar a felicidade nelles; os dons da vida que lhe restavam não li-



CINEARTE

Todas ás quartas-feiras as mais palpitantes novidades cinematographicas.



nham preço, em comparação com o que havia perdido.

O tempo passou, e cobria o passado com os seus consolos, frios e transparentes, como as águas duma lenta inundação. Chegou mesmo o dia em que Egydio se decidiu adoptar a secretária, com as suas inúmeras gavetas, com os seus segredos facéis, ingenuos caprichos do marceneiro que o fizera; e se podia agora falar, de ante delle, como dum outro moel qualquer.

— E' bonito e harmonioso — disse um d'a sua esposa. — E' pena que os fabricantes de cofres se tenham posto a imitar o estylo Imperio; tornaram-n'o um tanto commum para este genero de moveis... Os bronzes não são todos authenticos.

— Os das columnas são authenticos — disse Egydio; e admirava as cordozinhas minuciosas.

Nessa altura interv'o o f'lhinho, que apenas sabia ler, mas que gostava de ouvir os romances de aventuras.

— E si as columnas estivessem cheias de moedas de ouro, hein, papae, quanto seria?

Elle esboçou mentalmente o calculo e, levantando-se, sorridente, calçou com a unha do indicador a madeira duma columna.

— Vazias — disse ao menino. — A avó não era rica.

Permaneceu até alta noite no escriptorio, sóz'nho, e não tinha vontade de fazer nada, nem sentia somno. Seismava e reflectia. De subito, ergueu-se da cadeira e, inconscientemente, poz-se a bater com a unha nas duas columnas, novamente, como o fizera deante da mulher e do filho. Começou a examinar as cordozinhas de bronze que faziam de capitels, e viu que terminavam num ganchinho de côr igual, quasi indistincto. Então pareceu-lhe recordar que a madeira das duas columnas respondera com diversos sons, ao toque da unha. Experimentou fazer força sobre um dos ganchos; a folha de bonze abria-se como um laço de fita, a columna girava. Tirou-a para fóra e estava vazia. Tornou a collocar-a no lugar, lentamente, sem rumor, para não despertar ninguém; e refez,

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Central 0518. Escriptorio: Central 1037. Redacção: Central 1017. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salões 85 e 87.

G. A. Borgese

hesitando, a mesma operação sobre a outra columna. Caiu sobre o soalho, com estrepito, uma caixinha cylindrica de cartão floreado; e rolou pelo chão, um bocado. Elle seguiu-a respirando com ansiedade por entre as sombras grotescas dos moveis, não ousando tocá-la. Apanhou-a, emfim, beijou-a, e, apertando-a contra o peito, trouxe-a para a mesinha, onde a abriu, á luz da lampada. Puxou para fóra o conteúdo, e o espalhou. Eram cartas, cartas; todas sobre um papel de uma debil côr violacea; todas de uma graphia delicada e cursiva, mas letra de homem, certamente, e não de seu pae. No principio de uma pagina leu: "Helena! Helena!"; e traduz'u mentalmente aquella invocação na sua linguagem, dizendo para si, a morder os labios: "Mamá! mamã!"; comprehendia que lhe era ve-

do lér as datas e a assignatura, e tinha as paginas entre as mãos, com os olhos ao longe, apertando-os, quasi a tornal-os myopes, afim de não ver as palavras. Mas, palavras de amor feriam-lhe a vista de instante a instante, e elle tinha horror de lér e medo de cair na tentação.

A luz electrica apagou-se de repente. O aposento tornou-se negro, horrível. Elle murmurou: — Deus seja louvado — como si aquella escuridão fosse providencial; mas não se conteve e, apalpando-se os bolsos, procurou os phosphoros e accendeu uma vela.

Então pareceu-lhe ouvir a mão agonizante que suppliava: "Queima". E passou-lhe pela memoria uma imagem tormentosa da sua adolescencia.

Estavam numa prala de banhos. Elle, chelo de fome, depois do banho, corria, voa-

va quasi á barraca de sua mãe, onde sabia que, sobre a mesa de madeira branca estava a sua merenda. Com um impulso de sua mão muito robusta, chegando de carreira e julgando encontrar vazia a barraca, empurrára a cortina, entrando. Dentro estava sua mãe.

Elle estava na idade em que todas as mulheres parecem bellas. De sua mãe y'u — num momento de surpresa — essa pallidez cêrea, esqualida, "morta", que tem para os nossos olhos a carne onde corre o nosso proprio sangue. Sabia a correr, com os punhos fechados sobre os olhos. Estava dilacerado pelo remorso, pela vergonha de ter "visto" sua mãe.

Agora, tantos annos depois, estava ajoelhado deante do fogão apagado. Na mão esquerda, segurava o maço de cartas a alma nua de sua mãe. Lentamente, avizinhou aos papeis a cramma da vela. As palavras d'amor se consumiram.

Qual teria sido a força dessa paixão si sua mãe, que entanto presentia a morte imprevista, tinha sempre adiado a destruição daquellas lembranças: e era esta, esta descoberta que destruiu a santidade da genitora, a nova desgraça que elle temera ha tantos mezes. Ainda lhe surgiu aos olhos a figura enigmatica e desilludida do pae; uma sombra subtil atravessou a penumbra, e era a do outro homem, que elle talvez conhecia.

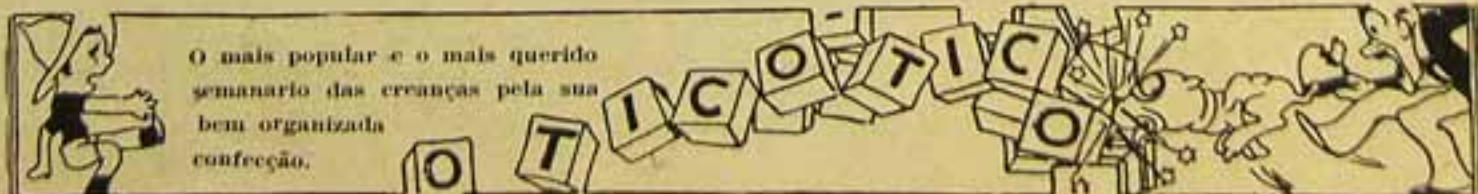
— Não é verdade! — disse levantando-se e expulsando de seu espirito os pensamentos máos. — Não deve ter sido verdade. Decerto foi uma allucinação, um delirio. Nada! Mamã! — E repetiu: nada!, a meia voz, para se convencer.

Poz novamente a columna no lugar. Voltou ao fogão, espalhando as brazas e escondendo como poudo, os negros e fragéis despojos das cartas, sob as cinzas. Nenhum vestigio visível lhe parecia ter ficado.

Então, a luz accendeu novamente.

— Não! gritou quasi. E, girando o botão da electricidade, caminhou, ás apalpadellas, com os olhos escancarados na escuridão, em demanda do quarto e da cama, á procura do somno, e do impossivel esquecimento.

Traducção de ANELER



Clinica Medica de "Para todos..."

A ADRENALINA NO TRATAMENTO DO CORYZA

Sob o ponto de vista physico pathologico, a manifestação morbida que designamos pelo nome de coryza e que o vulgo erroneamente vive a mencionar com o appellido de "constipação", é, no seu inicio, uma rhinite vaso-motora que precede a evolução de uma rhinite infecciosa.

O primeiro symptoma do coryza não é outra coisa senão uma perturbação vaso-motora nasal que se manifesta por uma sensação de calor, de entumescimento e de irritação na mucosa que internamente reveste as duas fossas do órgão referido.

E' o momento opportuno da applicação da adrenalina, convindo notar que o emprego do medicamento apenas se justifica nesse periodo inicial, visto como, bem conduzido, poderá deter a evolução do coryza.

Basta usar dez gotas da solução de adrelina a um por mil, num pouco d'agua fria, duas a quatro vezes por dia, tendo o cuidado de empregar o medicamento somente quando o estomago não estiver em pleno trabalho digestivo, isto é, tres horas antes e tres horas depois das duas principais refeições diarias.

Semelhante dosagem não pôde ter um caracter absoluto, cabendo ao criterio clinico modificá-la, segundo as exigencias do caso observado.

O emprego local da adrenalina não dá os mesmos resultados therapeuticos e é, muitas vezes, prejudicial ao enfermo, porquanto ao contrario do que fazem as applicações internas, a adrenalina utilizada externamente apenas vem agir como factor da dystonia vaso-motora nasal, actuando por assim dizer, no caracter de simples medicação contra o choque.

As applicações da adrelina, porém; não deverão ser feitas de modo arbitrario, exclusivamente o medico terá de prescrevê-las, pois que innumeras pessoas enfermas, por exemplo, as que soffrem de arterio-sclerose, não podem, sem comprometter gravemente a propria vida, receber medicamentos vaso-constrictores.

CONSULTORIO

L. M. L. R. (Bello Horizonte) — Use, depois de cada refeição principal; o "Nuclearstol Granulado Robin". — o conteúdo da medida que acompanha o vidro, num pouco d'agua assucarada. Lave a cabeça uma vez por semana com agua morna e sabonete de borax, e diariamente applique, friccionando o couro cabeludo, a seguinte loção: acido salicylico 5 grammas, resorcina 6 grammas, tintura de capsicum 4 grammas, tintura de jaborandy 4 grammas, saponite 4 grammas, agua de quina 300 grammas, essencia de bergamota, quantidade sufficiente para aromatizar.

M. L. S. (Santa Maria) — Durante quinze dias, em cada mez, use; depois do almoço, dois comprimidos ovaricos, e, depois do jantar, um comprimido de thyroïdina. Durante os outros quinze dias de cada mez, deixe

Dr. ADELMAR TAVARES

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA, 59

2º ANDAR

MEDICOS

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança.
Chefe Interino da 3ª Enfermaria
de Cirurgia da Santa Casa da
Misericórdia.

Consultas: das 4 às 6, rua Rodrigo Silva, 5 — sobrado; telephone C. 3451. Residência: rua Senador Vergueiro, 11, teleph. B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina
Da Maternidade do Hospital da
Misericórdia e da Polyclinica do
Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS.

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 às 6 horas). Teleph. Central 2604. Residência: R. Barão de Icaraby, 28, Botafogo. Teleph. B. M. 1815.

Dr. Hernani de Irajá

Doenças nervosas — Males sexuaes
— Syphilis — Plastica.

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de sinais, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação. Das 2 às 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã". Phone: C. 6222.

Clinica Medica do

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)
Especialmente o tratamento das
Doenças Nervosas e Mentais nas
suas relações com as doenças funcionaes do Estomago, Fígado e Rins.

Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º
Diariamente ás 2 horas.

de usar os mencionados comprimidos e faça injeções intra-musculares com a "Lipocerebrine". — tres injeções por semana. Para as crises de excitação nervosa alludidas em sua carta, basta usar, quando ellas se manifestarem, a "Sedoline", — cincoenta gotas numa chicara de infuso de melissa, pela manhã, depois do meio dia e á noite, no momento de se recolher ao leito, — ao todo, cento e cincoenta gotas, por dia.

LUIZINHO (Igarapava) — Sua irmã deve usar: tintura de quassia amara 1 gramma, tintura de condurango 3 grammas, anidol interno 3 grammas, sal de Vichy 3 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — meio calce de quatro em quatro horas. Deve usar tambem, depois de cada refeição principal, um confeto de "cholecinase".

F. C. (Juiz de Fora) — Dê á creança: arrhenal 20 centigrammas, extracto de ferro ammoniacal 5 grammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glicerina 30 grammas, xarope de quina 300 grammas — uma colher (das de sobremesa), depois de cada refeição principal.

A. L. B. (Candido Motta) — Não é felizmente o que presuppõe. Outros seriam os symptomas. Em pouco tempo ficará restabelecido, bastando usar: creosota de fala 1 gramma, tintura de ipéca 3 grammas, tintura de lobelia inflata 3 grammas, benzoato de sodio 6 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de alcátrão 150 grammas — uma colher (das de sopa) de 3 em 3 horas.

I. R. V. (São Paulo) — E' necessaria muita persistencia, sem a qual não logrará resultado satisfactorio. Use: bi-iodureto de hydrargyrio 15 centigrammas, tintura de tayuya 4 grammas, tintura de caroba 4 grammas, iodureto de stroncio 8 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 309 grammas — 3 colheres (das de sopa), por dia. Externamente applique, em unções, na região indicada: extracto de meimendo 1 gramma, extracto hydro-alcoolico de cicuta 2 grammas, pomada de belladonna 30 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO.

EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL

A forma de escripturar livros com a machina de escrever, e a maneira de abreviar o trabalho de contabilidade e escripturação por systema inteiramente novo, têm nesse livro clara exposição. E suas idéas são elogiadas por homens da envergadura de Carvalho de Mendonça e Spencer Vampré, entre tantos outros. A' venda: Casa Pratt, Pimenta de Mello & Cia. e Livraria Alves.



CALLOS



CALLOSIDADES



JOANETES

Os emplastros **ZINO-PADS** do **D^r Scholl** aliviam rapidamente a dor dos Callos. São anti-septicos mesmo no banto são impermeáveis.

Feitos em 3 tamanhos
Tres da Caixa. **3\$500**

Zino-Pads do D^r Scholl

Pegam amostra e olivinho
"TRATAMENTO e CUIDADO dos Pés"
pelo **D^r W. M. Scholl** à
CIA. D^r Scholl S.A.
Rua do Ouvidor, 162 - Rio de Janeiro
Vende-se em todas as
Pharmacias e Sapatarias

REVISTAS DE TODO O MUNDO

- EMPORIOM** — Revista mensal ilustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.
- VOGA** — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.
- MAGAZINE BERTRAND** — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anedotas.
- L'ELECTRICIEN** — Revista mensal internacional de electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial; a melhor revista no genero.
- REVUE DES DEUX MONDES** — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios francezes.
- LE PETIT INVENTEUR** — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.
- LE MONDE NOUVEAU** — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.
- CINE-MIROIR** — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.
- LA SEMAINE VERMOT** — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.
- HISTORIA DE LA NACIONES** — Popular revista pittoresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.
- GUTIÉRREZ** — Jornal humoristico hespanhol, semanal.
- EL ECONOMISTA** — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.
- MACACO** — Jornal das creanças, contos infantis, pintura.
- NUEVO MUNDO** — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.
- MUNDO GRAFICO** — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.
- LAPANTALLA** — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.
- ESTAMPA** — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.
- MODAS Y PASSATIEMPOS** — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.
- CINE MUNDIAL** — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.
- PARATI** — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.
- EL HOGAR** — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.
- PLUS ULTRA** — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78



OLHAR QUE FASCINA!

Os olhos de certas mulheres tem um encanto verdadeiramente magnetico!... O olhar d'essas mulheres tem um brilho que perturba, atrai e fascina irresistivelmente!!!

Esse mysterio, esse enorme poder de sedução pode ser obtido immediatamente pelo emprego do **Ondulador Rodal das Pestanas** e dos **Produtos Rodal, Yildizienne e Mirabilis**, de fama mundial, da **ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA**, premiados com o **Grand Prix** na Exposição do Centenario e noutros a que tem concorrido. Escreva hoje mesmo á **ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA** Av. Rio Branco 134 e Rua 7 de Setembro 166, Rio. Peça Catalogo gratis.



Cinearte — Uma revista exclusivamente cinematographica.



**TEU
E'
O MUNDO**

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA :

Queres conhecer os melos que te guiarão a conseguir **Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias**? **Pede GRATIS** meu livrinho "**O MEN-SAGEIRO DA DITA**". Remette 300 rs. em sellos para resposta.

Direcção : — Profa. Nila Mara
Calle Matheu, 1924

BUENOS AIRES (ARGENTINA)

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASSELLA - LONDON"**

Alman Cassella London 1919
FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

A **JUVENTUDE ALEXANDRE** dá mocidade e a alegria de viver pelos beneficios que acarreta. O seu emprego dá aos cabelos a beleza primitiva, pois é o tonico mais scientifico e o de maior alcance. Cada vidro custa 4\$000 e pelo correio 6\$400. Encontra-se em todas as pharmacias, drogarias e na **Casa Alexandre**, depositaria — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

SEMPRE O RHEUMATISMO



Attesto que, sofrendo há longos meses de reumatismo syphilitico, resolvi recorrer ao "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico - Chímico João da Silva Silveira e, com o uso de CINCO vidros, fiquei completamente curado.

Maranhão, 28 de Dezembro de 1927.

EVANDRO GUIMARÃES

(Attesto a veracidade. — Waldmir Nina — Medico-operador).

S y p h i l i s ?

SO' O GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR de NOGUEIRA"



- Um corte artistico de cabellos.
- Uma ondulação impecavel.
- Uma tintura garantida.

A. Fadigas

CABELLEIREIRO DA ELITE
NUMEROSO E OPTIMO QUADRO DE MANICURES
PARA AS SENHORAS

Rua Gonçalves Dias, 16 — 1.º andar

Telephone C. 4184 — (NÃO TEM FILIAES)



Cia de Navegação Lloyd Brasileiro

RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario 2 a 22

SERVIÇO DE PASSAGEIROS E CARGAS PARA
BUENOS AIRES

PARTIDAS DO RIO PARA BUENOS AIRES

a 3, 13 e 23, escalando em:

SANTOS, PARANAGUA,

ANTONINA, SÃO FRANCISCO,

RIO GRANDE E MONTEVIDÉO

PARTIDAS DO RIO PARA MANAOS

a 10, 20 e 30, escalando em:

VICTORIA, SÃO SALVADOR,

RECIFE, FORTALEZA

E BELEM

7 EXCELLENTE NAVIOS:

ALMIRANTE JACEGUAY, AFFONSO PENNA, BAEPENDY, CAMPOS SALLES,
DUQUE DE CAXIAS, SANTOS E RODRIGUES ALVES

VIAGEM INAUGURAL

13 DE NOVEMBRO DE 1929, PARA BUENOS AIRES

PASSAGENS DE EXCURSÃO A BUENOS AIRES

1.ª CLASSE (ida e volta) 500\$000, inclusive passadio durante a estada do navio em diversos portos.
5 DIAS E 4 NOITES EM BUENOS AIRES, POR CONTA DA COMPANHIA
DE NAVEGAÇÃO LLOYD BRASILEIRO, A BORDO DE SEUS CONFORTAVEIS NAVIOS

SABONETE

Dorly

PERFUMARIAS
LOPES

≡ RIO ≡
SÃO PAULO

Preço por Preço,
é o melhor

E AINDA SUPERIOR
A OUTROS MAIS CAROS

À venda
em todo
o BRASIL

Para frieiras e empingens — BORICAMPHOR



Fabricação especial
de
A. F. COSTA



Escriptorio Colonial

3 Importantes peças, sendo o seu fabrico especial,
e confeccionadas em "Imbuia", madei-
ra escolhida e secca e sendo o
seu acabamento superior

1 Bureau e tampo de crystal
c/ 1,50 x 0,80 R\$ 800\$000

1 Estante com as dimensões —
Frente: — 1,65, altura: — 1,60 e
fundos: — 0,40 R\$ 800\$000

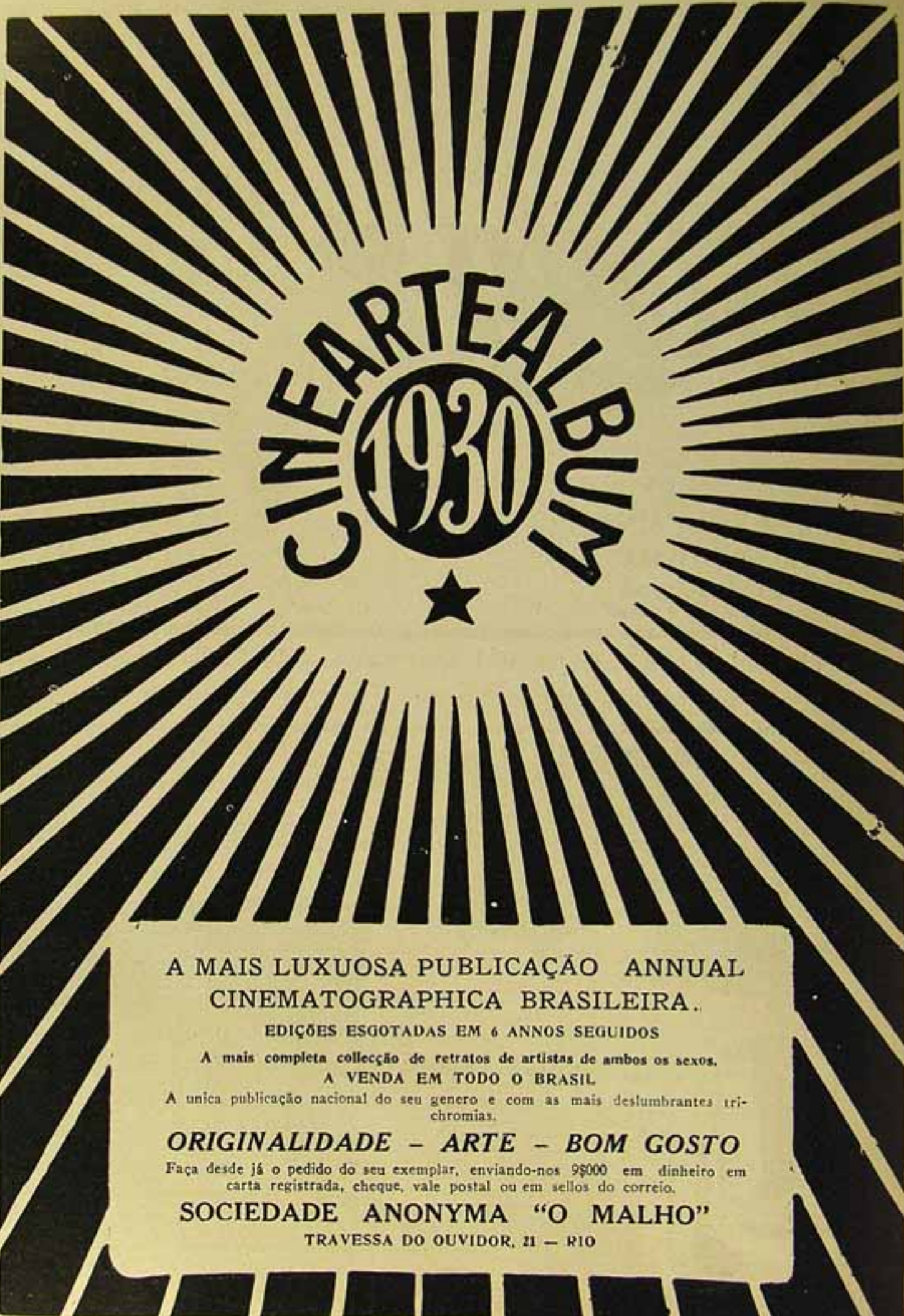
1 Cadorna e espaldar alto e es-
tufado R\$ 200\$000

1 800\$000

A. F. COSTA

RUA DOS ANJOS, 47
RIO DE JANEIRO





CINEARTE-ALBUM 1930

★

A MAIS LUXUOSA PUBLICAÇÃO ANNUAL
CINEMATOGRAPHICA BRASILEIRA.

EDIÇÕES ESGOTADAS EM 6 ANOS SEGUIDOS

A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos.

A VENDA EM TODO O BRASIL

A unica publicação nacional do seu genero e com as mais deslumbrantes trichromias.

ORIGINALIDADE — ARTE — BOM GOSTO

Faça desde já o pedido do seu exemplar, enviando-nos 9\$000 em dinheiro em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do correio.

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

Para todos...

MEMORIA HISTORICA SOBRE O PRIMEIRO SUJEITO QUE EU COMI

(A MEMORIA DE HANS STADEU)



NTROU e disse

Chamava-se Paulo de Montenegro. Olhou sombriamente, como quem se acostumou a ver os outros do alto, pelo menos de um terceiro andar. Cabelleira basta. A cabeça um pouco entornada sobre o hombro direito. Collarinho duro. Plastron. Sobre o plastron a perola que vocês já puseram. Jaquetão com debrum. Calça listada. Polainas. Bengala de volta e volta em massa, perfeita imitação de marfim. Pencinê. Pedindo licença, como quem se desculpa, assentou-se em frente ao geito medíocíssimo com que tive a ousadia de lhe indicar uma cadeira.

E continuou a dizer. Teve, imediatamente, a honra de me conhecer pessoalmente. Como não tive tempo de ser imbecil, agradei, rápido: o cumprimento. Ele continuava a dizer. Interessante é que distendendo lentamente, numa vez enfiadinha, parecia que não falava. Tapeação espontânea. Falava muito. Isto é, dizia. Dizia. Coisas assim: — "Acima do entrechoque mediocre das escolas, colloco a minha Arte". E era de ver-se esse "colloco", acompanhado do seguinte gesto: 1º tempo — passagem da bengala, que estava segura pelo meio, com a mão direita para o ante-braco esquerdo; 2º tempo — a mão direita livre descreve uma trajetória de cima para baixo, indo ficar a uns 10 centímetros de altura sobre a esquerda espalhada; 3º tempo — para finalizar a expressão, com as palavras — "a minha Arte", a mão direita atrapalha-se elegantemente pelo bolso esquerdo interior do paletot e tira um lenço branco, de linho, perfumado com Origan, subindo em direcção à testa, pallida e pensativa, enquanto se verifica o 4º tempo — que, sendo um complemento do 3º, espera, justo que o lenço saia, indo, aberta, os dedos, à excepção do mata-pilhos que fica em angulo recto com a mão — com ligeira concavidade nas phalangetas, premindo o jaquetão à altura da ponta inferior do exterior, com pronunciada tendência allusiva para o lado esquerdo da caixa-thoraxica. Além dessa gesticulação principal, havia os detalhes: os olhos, que no principio da phrase fixavam o interlocutor, no fim estavam voltados para o alto, olhando praticamente um retrato de Mistinguett; mas, na verdade, "sondando o infinito das coisas ultra-materiaes"; a voz subia gradativamente entre as duas orações do periodo grammatical, tendo a virgula a função de uma batuta de regencia saltando sobre o sector dos meteos, para elevar pela forma o sentido (formidável!) da sentença; finalmente, a palavra Arte, cuja maiuscula se percebia com clareza graphica, soffria todo um desenvolvimento prosodico que se pôde com habilitude approximar do seguinte: 1º — O "A" tem um som que se pôde flutuar assim: A — Aôôô:

o r, soffrendo um desdobramento "ad infinitum" pôde ser figurado como uma successão de rr com phonetica alternada entre "erre, erre, erre, erre, e, quanto ao "t-e-te" final, de que sinto incapaz de dar uma idéa sequer longinqua, convidei os senhores a tentarem o thema, isto é, tentarem fazer de um "t-e-te" uma coisa grandiosa, solemne, apocalyptica, sobrenatural e tão differente de "t-e-te" que ninguém seja capaz de pensar em semelhante coisa.

Enquanto isto, o cavalheiro continua a dizer. Diz de sua pessoa notável, cita autores, criticos, evoca viagens, livros, mulheres, acontecimentos. Autores que proclamam o seu genio. Viagens que fez por toda parte (falando das viagens elle tem uma expressão muito seria e diz: — "... porque o meu illustrado amigo não desconhece que sou um Ashverus da imaginação, plasmado na inquietude dos zingaros do sonho e, portanto, dirige-me a Caçapava, etc.), livros que escreveu (oh! os seus livros) — mulheres que o amaram (notem que elle jamais "amou" e costuma repetir que é "a representação obscura dos impulsos irresistíveis do homem" e que "sentese a a reincarnação expiatoria dos mysticos — e dos santos") acontecimentos em que foi a figura central: suicídios, rixas, missas, solemnidades e, até, um movimentadíssimo desastre de auto-omnibus.

Imaginem os senhores um cavalheiro desses às 9 horas da manhã. Imaginem e ponham-lhe os adjectivos. Botem-meia duzia. E' o unico favor que lhes peço. Não acho que é muito. Quanto mais que lhes informo ainda que, a proposito de um livro do Pitigrilli que elle viu sobre a minha mesa, houve o seguinte: primeiro, olho-o de longe, com o chamado rabo do olho, depois, vencendo heroicamente a distancia, pegou o livro, olhou — e notem que olhou — o titulo e o autor; tornou a pôr o infeliz sobre a mesa, fez um ar de artista de cinema de fita em serie que esta desarmado e vê um tigre de Bengala no fim da 4ª parte, — depois escachou toda a literatura italiana, subindo por ella acima, de Pitigrilli até Dante. Só Dante escapou. E assim mesmo, creio que foi por falta de tempo. Porque justamente nesse momento eu comi elle.

Edmundo
Lye



Villegiatura Inglesa

Algumas informações sobre Título, Gargelas e Futilidades, para Americanos de visita

ADA terra tem seu uso. É muito fácil resolver qualquer problema da etiqueta social na sua própria casa, mas em terra estranha a coisa é outra, pois há sempre diferenças de protocolos.

Lembro-me perfeitamente o que me aconteceu a primeira vez que fui passar uns dias numa casa de campo da Alemanha. Cheguei ali depois de uma viagem longa e a dona da casa me recebeu com estas palavras: "Estou certa de que não está desejosa de ficar acordada até tarde esta noite".

Concordei, agradecida, e quando bateu dez horas, olhei para o relógio, cheia de esperança. Entretanto, ella não disse nada; bateu onze e ella continuou sem se mover. A meia-noite, a minha resistência falhou por completo e eu disse, exausta: "Desculpe-me, por favor, mas não posso mais ter os olhos abertos".

"Tinha lhe dado toda oportunidade para se ir deitar quando quizesse", disse ella, rindo; fi-

"chauffeur"; nos nossos dias não há sempre acomodações para muitos criados de visita. Si a dona da casa responder que, infelizmente não há lugar para elle, mas que providenciara um quarto na aldeia, poderá estar certo que isso será à sua custa.

Si V. escolher o trem, é provável que a dona da casa

fundas são reservadas à Corte. Os membros da Casa Real Inglesa não querem que a etiqueta seja cumprida à risca enquanto são hóspedes de uma

me lembro da expressão da physionomia da minha pobre Mãe quando cometi este erro, a primeira vez que fiz parte de um grupo de convidadas de villegiatura.

O Duque e a Duquesa de Connaught estavam na casa, e o jantar havia sido muito longo e complicado, servido em baixela de ouro e cheio de acepipes. Quando os homens dei-

de. Não é bem visto nas casas particulares na Inglaterra, fazer paradas muito fortes em jogos de azar; algumas donas de casa são intrasigentes nesse ponto. O melhor, é aceitar o que for proposto por algum dos hóspedes ingleses.

Lembro-se que beber não é admitido da mesma forma que na America. Chega sempre o momento de ser notado quando se torna em demasia. Antigamente, qualquer excesso nesse sentido era sufficiente para pôr alguém fóra da sociedade. Eu estava uma vez numa casa onde um rapaz tinha bebido um pouco além do razoável. Era apenas o bastante para fazê-lo um pouco mais alegre, mas a dona da casa conduziu-o elle proprio ao quarto; na manhã seguinte, o rapaz recebeu um bilhete juntamente com o seu chá matinal em que lhe communicavam que, a tantas horas, estaria um carro à sua disposição para o levar até a estação.

Quando a dona da casa lhe der boa-noite, ella lhe dirá também a que horas estará prompto o almoço, e é provável que não fale em mandar servir o almoço no seu quarto. Si assim fór, é porque espera que V. desça para almoçar. Muitas das grandes

diga a que horas deverá chegar, e é conveniente acceder ao seu desejo; ella, certamente, terá de mandar um carro à estação, de modo que será melhor que varios convidados cheguem pelo mesmo trem.

V. chegará provavelmente à hora do chá; si fór no inverno, terminado o chá, a dona da casa perguntará si V. deseja ver o quarto que lhe foi destinado. Dou-lhe o conselho de ali ficar até a hora do jantar, pois não causará boa impressão tornar a apparecer no intervalo. Não sei porque as inglesas gostam de ter os convidados à sua disposição assim que chegam. Por isso, si é no verão, V. será convidado a descer para jogar tennis.

A pontualidade é uma qualidade muito apreciada pelos Ingleses, portanto seja muito pontual na hora do jantar. Mesmo que na casa estejam membros da Casa Real, V. terá obrigação de estar no vestibulo, ou na sala de visitas ou onde quer que se tenha marcado a reunião, cinco minutos antes dessas pessoas apparecerem. V. deverá fazer uma reverencia, não muito exaggerada; as reverencias muito pro-

casas; entretanto, ha certos preceitos que se deve cumprir enquanto estão presentes. V. não se poderá ir deitar antes que elles o façam. Ainda



V. poderá não admirar os filhos dos donos da casa, mas "deverá" admirar os seus rebanhos.

saram a sala de jantar, eu já estava com muito sono; dirigi-me, então, calmamente à Duquesa, fiz-lhe uma pequena reverencia e disse-lhe com muita delicadeza: "Acbo que são horas de eu ir para cama, si me dá licença, minha Senhora". A Duquesa era muito boa e affável. Creio mesmo que achou muita graça nisso, mas minha Mãe passou o resto da noite a desculpar a ignorancia protocolar da sua filha.

Depois do jantar, si estiverem presentes membros da Casa Real, a dona da casa levará para junto da Princesa eu da Duquesa real, as senhoras com quem ella demonstrou desejo de conversar.

Manda o protocollo que se faça uma reverencia e, então, S. Alteza indistará uma cadeira. V. terá de ficar ali até que a dona da casa traga outra convidada. Ao levantar-se V. fará outra reverencia.

Num jantar commum, porém, ha pouca ou nenhuma cerimonia, excepto na collocação dos convidados à mesa. V. poderá se deitar quando quizer, que a dona da casa não reparará; V. poderá ler para se distrahir ou jogar bri-



A's vezes essas mesmas criadas que embolsam grandes gargelas com ardes, riem-se daquelles que as deram.

casas têm, nessas occasiões, um grande accrescimento de serviço domestico; servir cada senhora no seu respectivo quarto é augmental-o ainda sem necessidade. Concorde que a perspectiva de almoçar em publico é desagradavel, mas é assim em toda a parte. Conheço uma Duquesa que já não é moça e que me contou que nunca havia almoçado na cama, a não ser quando os filhos nasciam.

Receio não poder dar esclarecimentos sufficientes a respeito do banho. As coisas agora estão melhores do que eram, mas mesmo que V. seja hóspede de uma "boa" (Termino no fim do numero)



Romperam-se muitas amizades á porta do banheiro.

quei sabendo, então, que na Alemanha é o hóspede que deve fazer o primeiro passo e não a dona da casa.

Dizem que foram os Ingleses que inventaram o "week-end" e, em geral, observam-se um certo numero de regras não escriptas durante as visitas às casas de de campo na Inglaterra. Julgo que como nação somos irregulares no trato; não obstante, não desejamos passar por malcreados; o estrangeiro, porém, pensa algumas vezes que não nos incomodamos bastante para agradar nossos hóspedes.

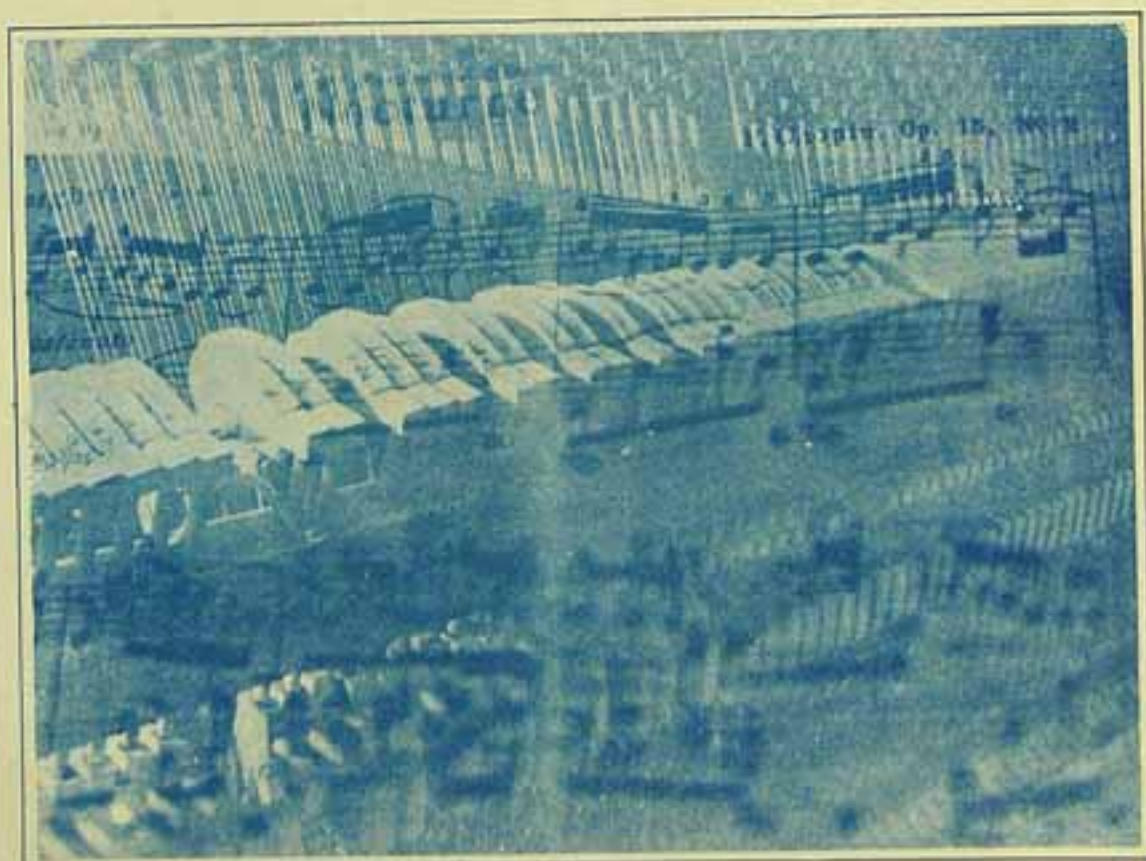
Si fór convidado na Inglaterra a passar o "week-end" no campo, preferirá ir, sem duvida, de automovel a ir de trem. Para um carro ha sempre lugar, mas é prudente si poderá levar um

Realmente, é o cumulo da malagrice, uma extranha usar o saio de família.





HERACLES DE BOURDELLE
(Museu de Luxemburgo)



Um nocturno de Chopin photographado por Grés
(Salão Internacinnal de Arte Photographica)



ACUSADO, a lei facilita-lhe a última palavra.

— disse o presidente do tribunal, num tom de indiferença, com os olhos semi-cerrados pelo cansaço.

— Que pôde acrescentar, para esclarecimento ou justificação do seu acto?

O réo estremeceu e, nervosamente, agarrou com os dedos compridos e finos a balaustrada que isolava o banco dos acusados. Era um homem feio, magro, de movimentos tíndos e com uma expressão de susto mal dissimulada no olhar. O cabelo, claro e ralo, como que distribuído ao acaso, pela cabeça e pela barba, as sobrancelhas, completamente brancas, emprestavam à palidez do seu rosto um aspecto doentio anêmico.

Era acusado de haver, premeditadamente, na noite de 23 para 24 de Janeiro, atizado fogo ao apartamento do Conde Ventsepolaki, seu parente afastado, com quem morava. A pericia médica constatara plena normalidade das suas faculdades mentais. Segundo o seu relatório, verificara-se, apenas, uma certa super-sensibilidade do sistema nervoso, uma propensão para prantos repentinos, uma franqueza das centenas detentoras, — mas era só.

Até então, o réo se conservara indiferente, quasi desinteressado do exame do seu processo. A instalação solemne, imponente, da sessão do jury, os uniformes bordados dos juizes, o panno da mesa, vermelho, com uma franja dourada, a sala enorme, altíssima, não aquecida, os retratos majestosos, pelas paredes, o publico, para além da "barrière", os inspectores atarefados, os jurados, cheios de dignidade, a displacência olympica do procurador, a eloquencia facil, mas sem solidez de argumentos, do advogado da defesa, — tudo isto produziu-lhe uma impressão esmagadora. Parecia-lhe haver cahido sob a engrenagem de uma machina gigantesca, que nenhuma vontade humana seria capaz de deter, mesmo por um momento. Por varias vezes, durante o discurso do seu defensor, teve impetos de levantar-se e dizer: — "Não, doutor, não foi assim. Suspenda a sua oração, deixe que eu mesmo conte a historia do meu crime", — e, a seguir, com voz convincente, em expressões claras e tocantes, relatar todos os seus pensamentos de então, não encobrindo mesmo as sensações mais delicadas e imperceptíveis.

Porém a machina continuava a girar, com regularidade, impassível; era inútil resistir-lhe.

Entretanto, as ultimas palavras do presidente despertaram, de subito, no acusado, a energia convulsiva do desespero, tal como se manifesta nos momentos de desgraça irremediavel, — esta energia que impelle, às vezes, um condemnado à morte a lutar com o carasco que lhe vai passar a corda ao pescoço. E, com voz de supplica, exclamou:

— Sim, senhor presidente! Pelo amor de Deus, senhores, escutem-me, deixem-me contar tudo, tudo!

As physionomias dos jurados exprimiram uma attenção concentrada, os juizes aprofundaram-se em rubiscar os papeis, o publico silencioso, presa de tenaz curiosidade. O acusado começou:—



— Quando aqui cheguei, no principio do anno passado, nem mesmo cogitava de qualquer plano para o futuro. Parece-me que nasci predestinado para o fracasso. Jamais consegui levar a cabo qualquer iniciativa e, aos quarenta annos, vi-me tão desamparado e inexperiente como na minha mocidade. Recorri ao Conde Ventsepolaki, pedindo a sua protecção para conseguir um emprego qualquer. Contava com o seu auxilio, pois que elle, afinal, ainda era um parente afastado da minha finada mãe. O conde homem generoso e benevolente para com os estranhos, não ponde, então, arranjar-me qualquer collocação que fosse, mas propoz-me ir morar em sua casa, até que surgisse uma oportunidade. Mudel-me para lá. Ao principio, dispensava-me alguma attenção, mas bem cedo aborrecer-se de mim e cessou de ligar a menor importancia à minha pessoa. Sem duvida, acostumei-me de tal modo à minha presença que passei a ver em mim como que uma peça de mobilia, um objecto. E é ahí que começa a minha terrível existencia

de parasita, — vida cheia de amargos humilhações, de coheras reprimidas, de palavras servis e de sorrisos falsos. Para comprehender a tortura de tal vida é preciso experimental-a. Não pensem as pessoas independentes e orgulhosas que o habito do parasitismo extinga num homem a sua susceptibilidade a ponto de o tornar incapaz de sentir uma offensa, ou, ao menos, de chorar por uma humilhação soffrida. Nunca fui tão morbidamente sensível, como então me tornei, a qualquer palavra que me parecesse uma abusão à minha condição de parasita. Minha alma era então uma ferida continuamente inflamada — não acho outra comparação — e, a qualquer contacto, era como se sentisse a queimadura do ferro em brasa. Contudo, quanto mais se passava o tempo, menos eu sentia energia para romper essa situação. A alimentação farta do conde paralyzava-me, definitivamente, corrupção e destruía, como a ferrugem, os restos da minha altivez. Algumas vezes, á noite, deitando-me para dormir, revivendo a série infinda das humi-

lhações do dia, soffocava de cohera e dizia, de mim para mim: "Não, amanhã estará tudo acabado! Ir-me-ei embora, lançando-lhe em rosto, com altivez, muitas verdades amargas. Mais vale passar fome e frio, vestir remendos, que supportar esta vil existencia".

"Mas chegava o "amanhã". A minha resolução relaxava-se. De novo, entortavam-se-me os labios de onde pendia um sorriso miseravel, de novo, não sabia, nem ousava pôr as mãos sobre a mesa, á hora do almoço, de novo sentia-me desaguetado e ridiculo. Quando me arriscava a lembrar ao conde a sua promessa de emprego, elle respondia, no seu tom senhorial: "Para que se afflige, meu caro? Será que está mal, em minha casa? Vá vivendo, por ora, depois veremos..."

Callava-me. Nem mesmo tentava esboçar uma recusa, quando o conde me dava de presente algum dos seus ternos, pouco usados. Esses ternos eram magnificos, mas demasiado largos para mim. Um dos hospedes do conde observou que a roupa me ficava "como se me viesse de um primo"; um outro, — cujo cynico cavalheiro e, segundo diziam, um trapaceiro, deu uma gargalhada a essa observação e perguntou-me, grosseiramente: "Você, Fiodoroff, provavelmente mandia fazer suas roupas no mesmo alfaiate que o conde?"

Nenhum d'elles me chamava pelo nome patronymico. O conde, quasi sempre, esquecia-se de apresentar-me aos seus conhecidos, que lhe eram, na maioria, tão parasitas quanto eu, mas que sabiam tratá-lo como igual e quasi com familiaridade, ao passo que eu era sempre acanhado e humilde. Elles me olhavam com esse odio acirrado e abjecto que só pôde existir entre individuos baixos, disputando a preferencia do poderoso que exploram. A croadagem do conde tratava-me com uma grosseiria insolente, característica dessa classe de laços. A mesa, ao servirem os pratos e o vinho, chegavam ao ponto de não observar a ordem de collocação dos convivas, só para me deixarem por ultimo. Nos seus olhares e nas suas palavras não escondiam o despeito que eu lhes causava — o despeito que o trabalhador nutre pelo ocioso. Eu mesmo fazia a minha cama e cuidava da minha roupa. Á noite, às vezes, formava-se uma partida de "vint". Quando faltava um parceiro, o conde distribuía-me cartas. Eu nunca tinha dinheiro, mas sentava-me, sonhando apaixonadamente com os lucros. Jogava com ambição, com calculo, medindo os riscos e chegava mesmo a rogar a Deus, intimamente, para que me protegesse. Como geralmente acontece em taes situações, perdia — sempre mais do que os outros. Quando terminava o jogo e os parceiros faziam o ajuste de contas, eu ficava sentado, com os olhos fitos no chão, vermelho de vergonha, quebrando, convulsivamente, o giz da marcação. Quando não era mais possível prorogar esse silencio, eu dizia, esforçando-me por parecer displacente: "Conde, por favor, tenha a bondade... Eu, neste momento, não tenho dinheiro. Pague por mim, amanhã reembolsarei..."

De certo que a minha promessa não illudia a ninguém. Todos sabiam que eu (Termína no fim do numero)

Illustração de
DI CAVALCANTI



Chá dansante no Gavea Club

"BRASIL, TERRA DA PROMISSÃO"

O escriptor e diplomata Luiz Guimarães Filho com o representante do senhor Ministro do Exterior, Ministro Leão Vel-



oso; Senador Antonio Azeredo; Ministro Godofredo Cunha, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Professor Fernando de Magalhães, Presidente da Academia Brasileira; Deputado Cardoso de Almeida, Professor Miguel Couto, na noite da sua bellissima conferencia: "Brasil, terra da promessa", que levou ao salão da A. E. C. um publico elegante e numeroso, cujos applausos disseram bem ao orador o prazer que foi ouvi-lo.

Baile de anniversario da Sociedade Rio Grandense





No baile de aniversário do Club Gymnástico, sabbado passado, na velha séde que vai ser completamente remodelada, conforme os projectos nessa noite expostos no palco da sala de festas.



Festa de aniversário do Andarahy Club

Pierre Michailowsky com as suas alumnas do Collegio Padua Soares e Vera Grabinska no Theatro Municipal.



Noite de arte no Centro Gallego

Os dois mestres choreographicos e suas alumnas que dansaram em beneficio das creanças pobres.



Embarque para Montevideo do Dr. Mario Behring, director da Bibliotheca Nacional e da revista "Cinearte".



Inauguração do Conselho Escolar na Escola Paulo de Frontin com a presença do grande engenheiro patricio.



Quinta-feira, dia 21, o cemitério de Petropolis vai receber os devotos de Raul de Leoni com as mãos cheias de flores para o tumulo do poeta. A saudade daquelle grande coração é uma companheira triste que a gente tem, uma companheira triste que conta coisas alegres quando recorda o bom humor



R A U L D E L E O N I

de Raul, as suas ironias, as suas blagues, o sorriso de escarneo sem maldade que mostrava por certas vidas que andam teimosas por ali enquanto a vida delle tão depressa se acabou. Aqui estão nesta pagina o ultimo retrato de Raul e dois poemas de "Luz Mediterranea", o livro : : : maravilhoso. : : :

Historia antiga

No meu grande optimismo de innocente,
Eu nunca soube porque foi... um dia,
Ella me olhou indifferentemente,
Perguntei-lhe porque era... Não sabia...

Desde então, transformou-se, de repente,
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortezia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vae d'istante...
Mas, quando a vejo, ha sempre um vago instante,
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto comprehendê-la,
Que ella tenta dizer-me qualquer cousa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

Ingratidão

Nunca mais me esqueci!... Eu era creança
E em meu velho quintal, no sol-nascente,
Plantei, com a minha mão ingenua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rutila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi fructificar na vizinhança...

D'ahi por deante, pela vida inteira,
Todas as grandes arvores que em minhas
Terras, num sonho esplendido semelo,

Como aquella magnifica amendoeira,
Reflorescem nas chacaras vizinhas
E vão dar fructos no pomar alheio...



Os Mortos Bem Amados

Em cima: peregrinação que fizeram os amigos de Jackson de Figueiredo à Pedra da Joatinga, onde elle morreu ha um anno. Estiveram lá com a viúva do querido escriptor, senhoras, senhoritas e entre outros os senhores Tristão da Cunha, Tristão de Athayde, Augusto Frederico Schmidt, Aggripino Gríeco, Homero Pires, Francisco Karan.



Em baixo: pequeno monumento inaugurado no dia 22 de Outubro, em frente ao Departamento de Saude e Assistencia, de Recife. E' a recordação para sempre, na cidade natal, de Amaury de Medeiros, faquelle bom Amaury de Medeiros, tão fino, tão intelligente. A escultura foi feita por Alberto Cozzi.

A Vida Moderna das Estradas



Vejamos passar os grandes automóveis... Deixemos de lado o seu numero de cylindros e a sua marca, pois que seria fazer reclame e nada temos a ver com isso, mas admiremos a nobreza do espectáculo que nos proporcionam... Imaginem que o automóvel desapareça das nossas estradas. Que vazio deixaria!

Antes da guerra, o automóvel não havia causado modificação sensível na França, e, principalmente, nos costumes francezes; uns poucos de doidos, de bravos, vestidos com pelles de animais e a cabeça rodeada de aço chromado, atravavam-se pelas estradas brancas que, naquella época eram macias como as fitas de setim das primeiras commungantes; enquanto que algumas estradas de hoje parecem aquellas rendas em que primeiro se fazem os buracos para depois segurar os com linha. Os automobilistas eram raros e as mulheres que guilavam mais raras ainda...

Estamos em 1929, e muitos dedos delicados apoiam-se sobre a direcção que fazem virar de um modo brusco — às vezes imprevisível. Ha 800.000 chauffeurs em França; é um facto que salta aos olhos, quando se atravessa a praça da Opera sem olhar para atraz.

E quando se reflecte, é incrível como em poucos annos, minhas Senhoras, desde que andaes sobre rodas, vós e vossos filhos, tios irmãos e primos, é in-

crível como podestes modificar a apparencia dessa miscellanea de eocene, de pliocene e de cretaceo que se chama França e que nas geographias está pintada de cor de rosa, ao lado da Alemanha azul e da Inglaterra verde-ervilha. Modificastes até a terra das estradas, monopólio outr'ora dos patos — no Norte — e dos jogadores de bolas — no Sul. O terreno tornou-se duro e liso e é o desespero dos cavalleiros. Actualmente, porém, quem é que ainda pensa em cavallos que não sejam vapor?

Em certos paizes, na Inglaterra e na Hespanha, por exemplo, já se foi mais longe do que em França na especialização da estrada para automóveis. Na Inglaterra, o sólo é esplendido. Na Hespanha, nos itinerarios principaes, as curvas, são talhadas como num velódromo; são bacias em que uma bolinha, graciosamente jogada, sai do outro lado com toda a naturalidade. Vós sois minha Senhora, essa bolinha. Cuidado com a outra bolinha, quero dizer, com a outra senhora, tonta de velocidade,

que ha de surgir na vossa frente e à sua esquerda. Lembrae-vos que em hespanhol "peligro" significa perigo e pensae em "usar" os vossos "frenos" no momento opportuno.

O terreno da estrada está, pois, mudado. O que dizer, então, dos dois lados, do lado baixo ao hotel no lado alto, do fosso cheio de capim ao pincaro do castello de Lourdes? Não ha quasi detalhe algum da paisagem, nem da menor aldeia franceza que não fosse retocado, de um modo visível ou invisível, pelo automóvel...



Primeiro, os hotéis. Pouco depois das predições de Thiers sobre o pouco futuro das estradas de ferro, os hoteleiros francezes percebiam que aquella invenção curiosa lhes trazia, apesar de tudo, freguezes cheios de carvão, desgrehados, um pouco por causa do vento, um pouco porque era moda.



mas que era necessario alojar. Todos os hotéis, se tornaram rapidamente "hotéis da Estação". E o velho hotel das Diligencias ficou sendo frequentado apenas pelos carroceiros.

Mas em 1910 e mais nitidamente ainda desde 1923, zâs! surgiu uma revolução. Os compridos wagons guiados por locomotivas, cantados outros por Heri Bataille, os compridos wagons não transportaram mais senão caixeiros-viajantes preocupados, bois sedentos, bagagens transviadas ou alfaces pacíficas. A estrada, a estrada emocionante e encantadora, sempre aberta a horizontes luminosos, a estrada tremia e resoava, sob as velhas janellas do hotel, cheia de um movimento novo e vibrante.

E sob as velhas empenas inclinadas pela idade como a cabeça cansada sobre os hombros solidos de um ancião, o ambiente antigo foi renovado, retomando o doce aspecto do passado...

Atenção, Hotéis da Estação! Nada de Hotéis de Estrada de Ferro! Nada que venha lembrar o seculo do aço e dos transportes em comum, por demais communs! Cada um quiz parar, como o faria seu avô no coche de oito molas enferrujadas, entre as mesmas velhas paredes gretadas, ou como Manon Lescaut que desceu em sapatinhos de setim e saia riscada de azul e rosa, coitadinha, da diligencia de Picardia...

Foi o reinado, que continua, do "palace" e da "hospedaria"! O hotel Victor Hugo, ou de França, ou de Inglaterra, ou dos "Deux-Mondes", voltou a ser o hotel do "Bon-Saint-Nicolas", da "Poule-au-Pot", dos "quatre-Fils"... Decididamente, quer em carro, quer sobre rodas nickeladas, meus amigos, este mundo gira sobre si mesmo... Foi, pois, a época — está apenas começando — das paradas nas "casas de pasto", não só nas immediações de Paris, visitadas pelos namorados, mas das paradas á moda antiga.

Dizem-nos que um inventor, o Sr. Jacques G..., acaba de inventar um motor que se pode atrellar atraz do carro e que se pode desatrellar e que, d'aqui a vinte annos, será mudado na cocheira, tal como os vossos avós de calças de nankin duro trocavam o cavallo "Soupe-au-Lait" já exausto pelo fogoso "Voltigeur".

A estrada retoma, cada vez mais, o seu aspecto antigo. No hotel, todos se falam, se aproximam; os turistas ajudam-se, entre si, de bom grado, como faziam, outróra, nossos antepassados, entre gente de bem... Eis ali costada de ferro hostil e egoista! Por mes bem differentes das da estrada a porte, descança-se melhor, o conforto augmentou e já se pode, quasi sempre, lavar ambas as mãos de de uma só vez.

A casa, daquellas boas casas (Termina no fim do numero).





ARTE

QUE

NÃO

É

MAIS

MUDA

Scenas de filmes fa-
lados e cantados fei-
tos em Hollywood
onde antes ninguém
ouvia a voz do
dono.





— A mudança foi repentina! As estrelas desapareceram bruscamente. Nuvens, cada vez mais negras, amontoavam-se num canto e sabendo não sei donde acabaram por tomar todo o céu. Negror. Então, o vento sacudiu o ar extático, abafado, veigou as árvores, bateu janelas na vizinhança, trouxe gritos distantes para meus ouvidos inquietos. A poeira levantou-se nas ruas, rodopiou, subiu, entrou pelas persianas sujando os móveis.

Mamãe, afflicta, que estava na hora da poção, cerrou as persianas, mas o vento era mais subtil e insinuando-se por frestas despercebidas balançava da mesma forma as bambinelas.

— As bambinelas estão dizendo adeus!

Que pensamento estranho. Nem sei como me veio, agora, este pensamento: As bambinelas estão me dizendo adeus!

Minha irmã, na sala, pedía a São Bento para cortar a perna do vento que eu podia piorar.

E a febre na mesma. E a tosse. O peito doendo sempre. Sensação angustiosa de asphyxia: o tecto cahindo sobre mim, me opprimindo, me esmagando.

— Esta inêlhor?

Mamãe dobrou-se sobre a minha face num beijo longo, affagou a minha barba crescida.

— Estou. Quero dormir.

Sabiu na ponta dos pés, ficou na sala, folheando o jornal, fingindo que lia. Mina correu para o quarto dos fundos, o feio, com o papel vermelho se esbeijando pelos cantos. Chorar? O vento chorava também no jardim despetalado, nos telhados, nas árvores sacudidas da rua. Chlil — era as folhas se arrastando, secas, na calçada. Pedir? Therezinha de Jesus, no oratório branco da maninha, não fazia mais milagres. Estava surda e todas as orações. Surda? Não. Era o vento. Era o vento maldoso, com certeza, que levava todas as palavras boas para espalhar as atôas pelas ruas sem ninguém.

A febre mais alta. Para que aquelle abajour? Colorido: azul, rosa e os bichos bordados em preto. Que inutilidade! Nem era bonito ao menos. E se elle crescesse como os gatos, as arvores e as crianças? Ficasse grande, immenso e cobrisse todo o mundo? E fosse endurecendo, virasse bronze de tão duro e cantasse como um sino? Cantou! Elle cantou! Não. Foi o relógio.

— Que horas são?

— Quinze pras sete: Estás sentindo alguma coisa, meu filho?

— Nada!

Nada mesmo. Que tranquillidade, que silencio. Até o mosquito socegou.

— Tão cedo. Parecia que era mais tarde. Parecia.

Que calma. Nem o vento lá fóra assobrava mais. Quinze para as sete. E um silencio.

Pensei no tempo do foot-ball na rua: o lampeão era o goal, a meninada convencidissima. O Julinho ostentava chuteiras Atlas, invejadissimas pelas travas em rodela. O Zé Maria agora era soldado e uma vez viêra visitá-lo. O Russo, filho do quitandeiro, tinha morrido do peito. Os outros se perderam por este mundo. Ah! e a escola publica! Aquella menina!... Loure! Loure! Loure! Depois os exames na faculdade, o velho professor condescendente, o porteiro filante, e os cadaveres.

A's sete horas, em ponto, morri. Na casa toda, o silencio.

Folhearam as minhas paginas. Poeta? Ora!... Leram Elogios. As velas queimavam em volta de mim, as flores cobriam o meu peito, sem presão, descarnado, mas eu não sentia os seus perfumes.

— Quem diria, hein?

— E' mesmo.

— Tão bom!... Tão simples!...

Contavam factos.

— A ultima vez que o vi...

— "A noite é assim: silenciosa, fria". Bonito este poema! "Um cheiro de suspeita na aragem traiçoeira, onde a trepadeira branca se reclina". Lindo sim!

Eurico approvava só com a cabeça.

— "Os pyrilampos todos se sumiram"

Antonio não comprehendia nada: Pylampos se sumiram? Todos? Que diabo!

— "Só ficaram os grillos no jardim cantando para as estrellas indifferentes"

— Admiravel. Admiravel

Eu lia todos por dentro, devassando todos os pensamentos. Cada rosto era pra mim uma janella aberta: bastava me debruçar, apenas, e toda a casa se me mostrava.

Luiz (sempre desconfiára d'elle) namorava meu Larousse na estante desarrumada. Mas haveria de passar bastante lysol nos volumes porque aquillo pegava.

Minha irmã inexperiente. Minha mãe imprestavel. Foi seu Cardoso — aborrecido, mas que se ha de fazer? — que tratou de tudo, com gorgetas somitegas para o homem da Santa Casa.

A primeira pá de cal foi a do Oliveira, após a despedida de amigo entre caras enfatiadas. Queixava-se, amargamente com seus botões, daquelle estopada toda: as lagrimas, o enterro atrazadissimo, elle sem jantar até aquella hora; imaginava já uma tuberculose também, proveniente duma gripe serissima, apanhada naquelle maldita tarde, gelida, humida, terrivel. A ultima foi a do Mauro que sempre se distrahiria admirando as corôas, lendo fitas: "Saudades da Dondóca", (a prima loure que morava no Meyer), "Seus collegas do 4º anno". A do seu Ramalho, enorme, de dhallas, humilhando todas as outras, mesmo aquella pequena, tão simples: "Tua mãe e tua irmã".

Quando tudo acabou, a casa cheia, os passos em cima da terra — bem ouvia — se afastando, senti-me livre, só, alliviado. Enfim! Mas uma ansia sem limites me tomou, agora que eu via tudo, pois vi a minha casa humilde na rua D, Constança deserta de todos os meus soffrimentos. Vi e quiz voltar para lá, para o meu desespero, para a minha dôr, a febre, o peito afflicto, a asphyxia, esperar a hora da poção — esperança, esperança! — que minha mãe vinha dar, os olhos humidos.

MARQUES REBELLO

TEODOR DE WYZENA

1º Eugenio Aram

OR mais famosos que sejam na França os nomes do poeta Lacombe e do medico Lapomere, a Inglaterra pôde oppor-lhes um ainda mais famoso (e com mais justo título), o do inimitavel Eugenio Aram, que não só sabia manejar as armas do assassinio como também as da sciencia, e mostrou-se em ambas mestre raramente excedível.

Na França sua gloria outrora igualou a dos nossos criminosos nacionaes, e hoje ainda, entre todos os romances de Bulwer Lytton, o unico cuja traducção encontra alguns leitores é aquelle em que conta a estranha vida de Aram e seu triste fim.

Bulwer Lytton, segundo o seu habito, descuidou inteiramente de conciliar a sua narrativa á verdadeira historia. Embora elle se chame Eugenio Aram e acabe enforcado, o sombrio e poetico heroe do seu livro, não tem o mais leve traço com o mestre escola de Knaresborough, que, em 1755, após ter morto de surpresa o sapateiro Daniel Clark, cobriu-se de glorias, estabelecendo os laços que prendem o idioma celtico ao grupo das linguas indoeuropeas, e, se os numerosos poetas, romancistas e autores dramaticos inglezes, que tomaram por heroe esse personagem duplamente illustre, nem todos levaram a phantasia tão longe quanto B. Lytton, e nenhum delles pelo menos parece ter tido o cuidado de verificar a exactidão de suas affirmações, de tal maneira que a força mesmo de ter sido contada, a vida de Eugenio Aram, perdeu-se cada vez mais nas brumas das lendas, de onde, finalmente, o retirou ha alguns annos um redactor da Nineteenth Century. Pela primeira vez depois de um seculo, graças ás sabias investigações de M. H. B. Irwing, os inglezes souberam que elle tinha sido um dos homens, cujo nome lhe era tão familiar, e ao mesmo tempo puderam constatar o quanto os poetas, querendo dramatizar a figura de Eugenio Aram, lhe tinham tirado a simples e terrivel grandezza, assim como aquillo o que tinha de particular, de typica, e se ousassem dizer de profundamente nacional.

Eugenio Aram nasceu em Netherdale em Yorkshire, em 1704. Filho de um jardineiro, sua familia era de origem nobre, e tinha outrora occupado os mais altos cargos. Aos 40 annos, sem auxilio de nenhum mestre, Aram começou a estudar mathematicas, e chegou a resolver problemas de algebra considerados até então como insolúveis, renunciou depois a esse genero de estudos, para se dedicar completamente ao culto das bellas letras, o que não impediu, como se vae ver, de tirar partido dos seus conhecimentos mathematicos, em uma das circumstancias, a mais importante de sua vida. Primeiramente, é

te assignar um acto que elle commetteu, com a idade de 20 annos, e que foi "a primeira e a mais grave de suas faltas" — casou-se. Não que sua mulher fosse de condição inferior a sua, nem que tivesse queixas della, mas era levado por instincto a desprezar as mulheres e, particularmente para com a sua, o seu desprezo tornou-se em odio; a desgraçada deu-lhe seis filhos, o que sem duvida exasperava-o pelo desarranjo que disso resultava para os seus caros estudos. Esses entretanto o absorviam cada vez mais. Aos 30 annos, em 1734, aprendeu e, a fundo, o latim, o grego e o hebraico; lia o Pentateuco no seu texto original, marcava os erros nos grammaticos gregos, comparava a syntaxe ingleza e latina e era ainda poeta e poeta excellente, a julgar pelos versos que escreveu na vespéra de sua morte. Eugenio Aram, como verdadeiro sabio amava a sciencia por ella mesma e sem procurar tirar proveito material. Obrigado a ter um emprego, fez-se mestre-escola; ensinava o alphabeto ás crianças de sua cidade natal e apaixonava-se pelos mais subtile problemas de philologia comparada. Em 1734, deixou Netherdale para installar-se em uma outra cidade de Knaresborough, que necessitava de um instructor. Ali proseguia os seus estudos, porém com menos assiduidade, e dos resultados que queria, é elle mesmo quem nos dá a conhecer na sua "Apologia", tendo obtido muito mais nos dez annos de estadia em Knaresborough, se occupações estranhas á sciencia não lhe tivessem tomado uma parte de seu tempo.

Para bem dizer não conhecemos senão uma dessas occupações, mas tudo leva a crer que Eugenio Aram teve muitas nesse genero. Em um dia do anno de 1745 recebeu elle a visita de dois habitantes da cidade, dos quaes se tornou intimo amigo: o cardador de lãs Housemann e o sapateiro Clark. Os dois tinham também profissão official, porém viviam sobretudo de roubos: e passavam mesmo por terem sob a direcção de um certo Levy (outro amigo do mestre-escola) morto no canto de um bosque um mercador estrangeiro.

Nesse dia elles haviam formado o projecto de obterem (por meio de chantage) de diversos parentes de Clark uma somma sobre a qual pretendiam ter direitos e vieram, então, pedir conselhos ao sabio amigo.

Eugenio Aram encorajou-os vivamente nos seus projectos,

DOIS ASSASSINOS DE GENIO

e foi então que seu espirito de mathematico lhe suggeriu um plano de uma simplicidade e logica admiraveis.

Clark e Housemann tinham tudo combinado de modo que cabesse toda a responsabilidade do roubo sobre Clark, o qual então deveria fugir com uma terça parte do dinheiro, deixando as outras duas a Housemann e Eugenio Aram. Por que nessas condições não proceder de maneira mais radical? E depois, se tinha combinado que Clark deveria afastar-se logo após a terminação do trabalho, por que não o fazer desaparecer assassinando-o?

Foi o que pensou o engenheiro logico e communicou a Housemann, e em 8 de febreiro de 1745, ás 2 horas da manhã Clark foi assassinado pelos dois amigos numa caver-



EUGENIO ARAM

na proxima de Knaresborough, onde tinham marcado o encontro para a partiha. Não era precisamente para Eugenio Aram a fortuna, pois esse sabio desdenhava o dinheiro. Seu unico sonho era ter meios sufficientes para installar ali a sua escola, sua mulher e seus seis filhos, que eram os obstaculos aos seus estudos linguisticos.

Alguns mezes após a morte de Clark, fugiu de Knaresborough, porque a noticia de sua complicitade já estava espalhada por toda a cidade.

Partiu para Londres, ali se empregou como professor em casa de M. Paimblanc, chefe da instituição; aprendeu o francez, o chaldéo e o arabe, gastou na compra de livros o resto do dinheiro, ganhou com o crime, e, começando o estudo da lingua celtica, que até então era tida como unica na sua especie, descobriu uma média de tres mil palavras gregas e latinas. Acontecimento importante e verdadeiramente deci-

sivo que lhe assegurou para sempre lugar de honra entre os mestres mais eminentes da philologia.

A descoberta foi para elle aliás muito menos rendosa que o assassinio do seu amigo Clark. Era constantemente obrigado a deixar a pensão onde estava empregado para poder se absorver durante algumas semanas nos seus bellos estudos. Foi successivamente professor de escripta, copista, escriptor publico e julgou-se muito feliz em poder aceitar em 1758 um pequeno emprego de professor em Lynn, no Condado de Norfolk.

Proseguiu ainda nos seus aperfeiçoamentos sobre a botanica, sciencia que igualmente enriqueceu com varias descobertas preciosas, segundo o testemunho de todos os que o conheceram.

Seus alumnos o adoravam, e, quando souberam que pretendiam despojar-o, estiveram a pique de revoltarem-se.

O seu tempo era dividido entre os alumnos e as plantas; era para com todos de solicitude e carinho infinito. Não podia ver chorar sem que as lagrimas lhe assomassem aos olhos e, quando encontrava pelo caminho um insecto nunca deixava de o apanhar com mil precauções, para collocar-o fóra do alcance dos pés dos transeuntes.

Diz-se-lhe que o crime em vez de deixar-lhe o remorso lhe havia suavizado a alma.

Gostava assim como sabio dos bens da vida, quando um dia foi reconhecido por um vendedor de animaes de Knaresborough. O esqueleto de Clark fora achado pouco tempo antes e Housemann tudo confessara. O encontro do mercador teve por effeito immediato a prisão de Eugenio Aram.

A formação do processo durou um anno, durante o qual o prisioneiro entregou-se a novos trabalhos scientificos com admiravel serenidade.

Diante dos juizes pronunciou um longo discurso de defesa, que foi conservado como verdadeiro modelo de logica.

Sem procurar convencer, nem sophismar, contentou-se em declarar (baseando-se em muitos exemplos) que, depois de quatorze annos, o esqueleto encontrado na caverna de Knaresborough, podia bem ser outro. Deixava entretanto entrever, embora veladamente, que o sapateiro havia sido amante de sua mulher e que, assim, tinha plenamente direito de o matar.

Eugenio Aram foi condemnado á morte, pois a sua participação no crime estava fóra de duvida.

Na prisão, na vespéra do dia fixado para a execução, tentou suicidar-se, após ter escripto lindissimos versos, onde

dizia que "calma e serena a sua alma se aprestava para partir".

Foi enforcado em agosto de 1760, em York; seu cadaver foi conduzido a Knaresborough.

Infelizmente, a maior parte dos seus manuscritos foram queimados no dia seguinte ao da sua morte, e assim, salvo a descoberta do original sobre o jodioma celtico, todos os demais resultados desta vida de incansaveis pesquisas foram para sempre destruidos.

2º Thomas Wainwright

Menos illustre que Eugenio Aram e muito menos interessante ainda a todos os respectos, Thomas Wainwright merece também que sobre elle nos detenhemos um pouco.

Foi esse personagem um dos "leões" da sociedade inglesa; era pintor, critico e colleccionador dos mais notaveis.

Nasceu em 1794 em Chiswick, de antiga familia, justamente considerada. Orphão desde cedo, foi educado em casa de um de seus tios, George Edmund Griffith. Suas inclinações artisticas manifestaram-se desde a infancia.

Um album de originalidades que datam dos seus primeiros annos de collegio, revelam já a finura de suas observações e a natural firmeza de sua mão.

Sahindo do collegio alistou-se na guarda real e souhou com uma vida de aventuras. "Mas a arte, é elle mesmo que nos diz, a arte empolgou de novo aquelle que a renegara; a sua pura e alta influencia dissipou brumas, avivou os seus sentimentos, dando-lhe o novo esplendor que agrada aos corações simples". Abandonando o exercito voltou a Linden House, a casa de seu tio onde tinha sido educado, e resolveu consagrar-se inteiramente á pintura e ás letras.

Publicou no London Magazine sob diversos pseudonymos artigos de criticas, e ao mesmo tempo que apreciava as obras de arte, antigas e contemporaneas, esforçava-se por as phrassar em forma de poema em prosa e assim traduzir a sua impressão intima.

Deito modo inaugurava um genero novo de critica de arte que se tornou moda na Inglaterra, critica menos preoccupada da exactidão dos seus julgamentos que da elegancia do seu estylo e de suas imagens, considerando-se ella mesma como uma arte independente.

E de facto, varias dessas paraphrases de Wainwright são trechos de grande valor litterario, demonstram extraordinaria delicadeza de gosto, e notavel variedade de conhecimentos, além de sabia preocupação da technica que faz adivinhar o pintor sob a critica de arte — Wainwright foi dos primeiros a reconhecer o genio de Crome e Constable. Elle sentiu melhor do que (Termina no fim do numero)



Almoço oferecido pelo casal Pontes de Miranda, em sua residência de Ipanema, ao senhor Professor Schlegelberger e Senhora. Vêm à mesa, da direita: Senhora Pontes de Miranda, Professor Schlegelberger, senhora Pistol, Dr. Pontes de Miranda, senhora Schlegelberger, Barão von Bibra, Conselheiro de Legação Pistol. O Professor Schlegelberger, da Universidade de Berlim, é o director do Ministério da Justiça da Alemanha, autor de varias obras de direito. Foi convidado pelo Governo Argentino para uma série de conferencias. A sua passagem pelo Rio de Janeiro deu ensejo ao encontro entre os dois autores do Diccionario de Direito Comparado, em que collaborou Pontes de Miranda, e que constitue neste momento a obra jurídica de maior successo na Alemanha.

Em baixo: no palco do Theatre Casino depois da festa em homenagem á poetisa Carmen Cintra, feita por Marina de Padua, Ilka Labarthe e Newton Padua, que estão no grupo com Gilka Machado e Pereira da Silva.





Senhorinha Olga Pragner, reveladora do folk-lore brasileiro que ella canta ao violão deliciosamente. Dá hoje á tarde no Theatro Casino um lindo recital que todo o Rio de bom gosto vai ouvir.

M U S I C A

E' sempre com prazer que noticiamos os concertos da Sociedade de Concertos Symphonicos, constituida por uma brilhante pleiade de artistas, aos quaes, ha uma porção de annos o maestro Francisco Braga, auxiliado pela dedicação sem limites de Leopoldivina arte, convocando-os e dirigindo a chamma do seu enthusiasmo pela do Duque Estrada, procura transmitir do-os com uma fé verdadeiramente inquebrantavel!

A vida da Sociedade de Concertos Symphonicos tem sido uma longa e penosa odysséa. Terriveis obstatulos têm sempre pretendido annullar os esforços dos seus dirigentes, mas, felizmente, ella tem conseguido vencel-os, chegando mesmo a realizar alguns concertos notaveis.

Em parte, essa luta tem sido devida ao publico, que não tem sabido corresponder aos esforços da Sociedade, comparecendo em massa aos seus concertos, como devia. Isso, além de desestimular os artistas, concorre para que nunca chegue o dia da Sociedade livrar-se da situação financeira, eternamente presente em que vive.

E, entretanto, não se comprehende que isso se passe. O publico carioca é indiscutivelmente apreciador da boa musica; e a Sociedade de Con-

certos Symphonicos é merecedora de todo o apolo. Por que, pois, esse desinteresse que ninguém comprehende?

A temporada de concertos deste anno está terminada. As ultimas vespéras tiveram animadora concorrência, e os nossos votos são para que, o anno que vem, a Sociedade entre definitivamente numa phase de prosperidade, que a colloque á altura do seu programma e dos nossos fóros de capital que aprecia a boa musica.

■

Wany Moreira Barbosa é o nome de uma nova grande promessa que surge no nosso scenario musical. E' carioca da gemma e tem apenas oito annos de idade. Estamos, portanto, deante de uma creança, mas de uma creança que, para triumphar, tem não unicamente o seu grande talento, mas, principalmente, a sua invulgar predisposição para a arte, o seu temperamento excepcional, a sua excepcional sensibilidade.

Alumna do professor Silva Ma'a, que tem nella uma das suas mais radiosas esperanças, Wany vai apresentar-se ao publico em um recital que se realizará no proximo dia 20, no Instituto de Musica. E é para esse recital que chamamos a attenção do publico apreciador da musica, para que testemunhe a appareição de mais essa creança prodigio que surge.

■

O concerto da senhora Pina Monaco foi uma surpresa muito agradável para os apreciadores do genero de voz da nossa intelligente patricia. De facto, o programma por ella interpretado facilitava-lhe oportunidades varias para pôr em evidencia os seus dotes de soprano ligeiro, voz que continúa a ser prestigiada pelo applauso de todas as platéas, embora não mais seduzo o gosto dos compositores de nossos dias. De facto, o moderno repertorio de canto, desde o de canções até ao de operas, deixou completamente esquecido o soprano ligeiro, que, para poder triumphar tem de appellar para Mozart, Pergolesi, Verdi, Rossini e Donizetti. E é com esses autores que os programmas se organizam e que os sopranos ligeiros se celebrizam, colhendo applausos e conquistando elogios.

A senhora Pina Monaco tem voz bonita, cheia e bem trabalhada. Canta sem esforços, em qualquer registro, com uma technica de verdadeira virtuose. Seu programma foi applaudidissimo, especialmente ao final da loucura da "Lucia de Lamermoor", na qual o publico poudé vislumbrar-lhe apreciaveis qualidades de actriz.

Uma noite, enfim, muito agradável para o auditorio e para a estreada.

T. G.



Inauguração
da exposição
dos Barões de
São Joaquim

E S C O L A
D E
B E L L A S A R T E S

Com a presen-
ça do senhor
Ministro Vianna
do Castello



Abertura da mostra de arte alemã organizada pelo "Deutscher Verkbund", sob a direcção do senhor Theodor Heu-
berger, e sob o patrocínio do senhor Ministro da Allemânia.





LIA TORA

que veio da America do Norte na
pellicula de "Alma Camponeza"

A LMA CAMPONEZA abriu a semana. O Gloria encheu-se. Veiu gente de toda a cidade para ver o film ideado e d'rigido por Julio de Moraes com Lia Torá de estrella. Nas sessões da tarde, Mariza, sobrinha de Lia, e que tambem trabalha em "Alma Camponeza", appareceu no palco e falou assim:

— Lia Torá quando sah'u daqui levava um sonho bonito.

Os sonhos bonitos nunca se realizam e é por isso que são bonitos.

Lia Torá não se importou.

O que os outros não deixaram ella sozinha conseguiu.

E ahí está "Alma Camponeza".

Um film brasileiro que se passa em Portugal e foi feito em Hollywood.

E' um trabalho de vontade.

Um esforço de esperança.

A moda agóra é de cinema falado.

"Alma Camponeza" ainda não fala.

Eu falei por "Alma Camponeza".

Não falei bem mas falei pouco...



M A R I Z A T O R Á



C O R R U P T I O

DOMINGO

Mário de Andrade não gosta do trocadilhos.

Mas uma vez fez um sem querer.

O professor Aloysio de Castro mandou para elle aquelle livro: "Rimario".

E Mário riu...

SEGUNDA

— E' muito difficil compôr um tango argentino?

— Facilimo. Você agarra em "mi v'ida", "milonga", "cabaré", mistura tudo. Depois péde ao Hebel Tavares que escreva a musica: bem moderna e bem brasileira. Prompto. Sae um tango da pontinha...

TERÇA

Muita gente usa monóculo para vêr si dá na vista...

QUARTA

Nascer! Que exaggero!...

QUINTA

O actor Procopio Ferreira pôz em scena uma velha comedia de Alfred Capus e gritou victorioso para Mário Nunes que la entrando na caixa do Trianon:

— Está vendo, ein?! Eu não sou, como propa-

S A M U E L
T R I S T A O

lam, contra o theatro moderno!

SEXTA

Antigamente, no tempo em que o cinema não falava, o conselheiro Sebastião Sampaio não era tão feliz...

SABBADO

Uma senhora gordíssima me telephonou perguntando si eu já ia sair.

Respondi que estava quasi na hora.

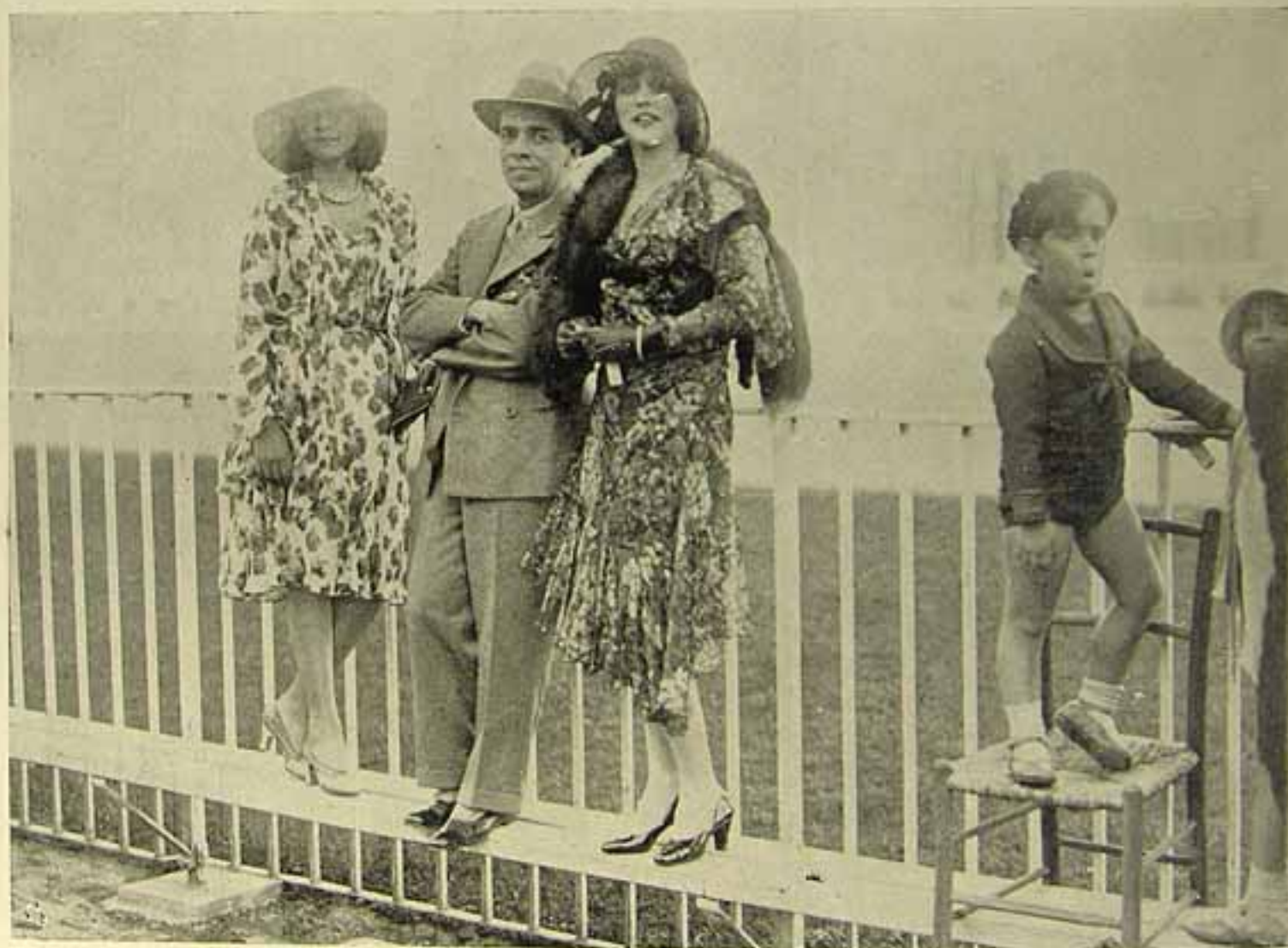
Então a senhora gordíssima disse:

— Espere um pouco, sim? Vou dar um pulinho ali.

Nunca mais ninguém me encontrou...

H y p p o d r o m o

B r a s i l e i r o n a G a v e a





NO JOCKEY CLUB



I
N
S
T
A
N
T
A
N
E
O
S

D
O
M
I
N
G
O
N
2
E

O último retrato do notável estadista uruguaio, expresidente da República Oriental, ídolo do povo irmão. Em baixo, um aspecto da passagem do enterro de Batle y Ordóñez pelas ruas de Montevideu. Pôde dizer-se que toda a população da linda cidade acompanhou até a morada derradeira o homem que foi um



chefe energético e que foi um amigo puro. Elle sabia fazer com que o amassem. Tinha a generosidade dos fortes. Tinha o perdão que não humilha. As lutas políticas eram para elle lutas de idéas. Não conheceu o odio. Por isso mesmo só o odio não tomou parte na procissão que levou para o descanso o corpo de Batle y Ordóñez.

BATLE Y ORDÓÑEZ





Sacrifício da Japonesa Linda triste

Barros Vidal

VENDO aquelles olhos cõr de mel que tanto nos fitavam, tivemos um estremecimento. Dir-se-ia, que delles ia romper ou uma supplica mergulhada em lagrimas ou uma censura cheia de revolta. Eram olhos vivos, desses olhos que nos dão a impressão do que vão falar... Comtudo a creatura linda, levando as mãos brancas e pequeninas ao rosto, cobriu-o com ansia, com volupia, como se quizesse escondel-o á profanação do nosso olhar indagador. Chegamos ali naquelle instante. Dois minutos ainda não haviam decorrido. E já comprehendiamos que naquella alma pura se desencadeara tempestade tremenda e que sua bocca — um talhe curto e vigoroso na mascara encerrava uma confissão. Não morrera na memoria de reporter as scenas impressionantes que a arrancara, da quietude do lar para o torvelinho allucinante do palco da vida onde desfiliam todas as desgraças...

Se hontem foi o punhal assassino que marcou, a sangue, o ponto final do romance de um coração, hoje é a bala certa que corta o fio da existencia de uma mulher sem alma. E amanhã — quem sabe? um beijo que traduz traição, uma caricia que esconde o peccado e um gesto que se não define, podem arrastar para o grande scena animada os enredos amorosos, as tragedias intimas, os peccados de tanta gente...

Agora era ella que surgia no tablado com o poema dos seus olhos obliquos com a musica de sua voz crystallina, com o perfume embriagador de seus grandes gestos... Estava ali, inquieta, contando os minutos que se escoavam, minutos que lhe eram roubados ao coração. Sentara-se na poltrona que o delegado lhe offerecera, mas os seus olhos, molhados e sensuaes, não se despregavam da moldura da porta. Ella esperava alguém, alguém que formava, ao certo, o capitulo mais emocionante daquelle poema que descobrimos em seus olhos. A noite fria enchia a sala estreita de sombras, que a luz amortecida da lampada não bastava para dissipar. Ella voltava, agora, os olhos para nós cheios de interrogações e de ansiedades...

O episodio policial que envolveu essa linda e abnegada filha do sol nascente, teve a importancia commum dos factos de todos os dias. Seu gesto nobre, entretanto, que encerrava um grande exemplo de desprendimento e renuncia, gesto inato ao sangue quente dos nippons e das mulheres que amam muito — ficou indelevel, vivo, no pensamento de quantos o assistiram, na noite tragica, dentro da delegacia policial. Seu marido ferira a tiros, outro homem. Preso, levaram-no para a delegacia. Lá, no momento em que os primeiros labios se iam abrir para formular a accusação terrivel, esmagadora, ella num lance magnifico, cheio de belleza e independencia avançou, affirmando á autoridade perplexa que a responsabilidade do delicto lhe cabia, por inteiro!...

Agora ella de novo na delegacia, os olhos cansados de chorar, a alma cansada de soffrer. Não quizeram attender-lhe o pedido supplice, o pedido de mãos postas e de alma ajoelhada. Dois dias

dias ficara sem o seu grande amor; dois dias soffrera o martyrio de sua ausencia. Aquelle vazio que se lhe abria na tranquillidade dos dias bons, imprevisito e cruel; aquelle silencio obstinado em que mergulhavam as suas palavras urgidas de amor e de ternura, esse supplicio enfim martyrisava-a, arrancando-lhe dos olhos todas as lagrimas que tinha para chorar...

Era por isso que ella voltava á delegacia. Na sua terra natal, aquelle torrão dourado do oriente, onde os costumes são outros e as grandes amorosas tem direito aos sacrificios que seus corações exigem, certo, a geisha sonhadora não estaria sob o peso de remorsos que lhe queimavam o coração. Remorsos de não ter tido o gesto de renuncia, de desprendimento que a alma lhe pedira. Já em seu cerebro bailava, luminosa, a idéa tragica de eliminar-se com a simplicidade apavorante do ritual japonês...

Mas os habitos occidentaes, as palpições do seu coração, adaptado aos affectos e ás ardencias do brasileiro que desposara, acalmavam-lhe os nervos. Era essa duvida cruel em que se debatia, que a torturava na ansia de ver o marido, beijal-o, de sentir-lhe a respiração offegante. E essas emoções todas se justificaram quando, afinal, o homem de traços energicos surgiu tremulo e assustado. A linda japonesa de olhos amendoados vendo-o, ergueu-se num pulo e com a naturalidade das scenas mais humanas correu ao encontro dos seus passos, agarrando-o pelos braços — apalpando-lhe o rosto e beijando-o doidamente ás cégas.

Nem uma palavra siquer, nesse instante caiu dos labios da oriental amorosa. Dos seus olhos, sim cahiram lagrimas sentidas...

Uma hora, longa para os outros que ali estavam, curtissima para o casal amante, passou. Esgotara o prazo cedido ao marido tremulo. Elle se despediu, vencido, as mãos tremulas, as faces pallidas. Seguiu, a cabeça baixa, sumindo-se na porta.

E a geisha entristecida, deixou-se ficar parada naquelle mesmo lugar em que falara ao esposo, serena, sorrindo, como se naquelle beijo derradeiro lhe derramasse no espirito todo o perfume embriagador da alma apaixonada...

Agora está satisfeita? perguntamos-lhe, interrompendo-lhe a doce meditação.

Maria das Dôres esse o nome brasileiro da japonesa heroína, — respondeu, vagarosa, no trinado suave da sua voz musical:

Não. Estou mais triste ainda. Eu sou a sua escrava, elle é o meu senhor.

E os olhos, em alvo: — Como se explica que elle vá soffrer sem eu soffrer também?

Tinha razão a japonesa. Nessa sua interrogação havia um mundo de sonhos, cheio desse doce sentimentalismo das orientaes, sentimentalismo que as tem levado tantas vezes a todos os tragicos desprendimentos e ás mais dramaticas renuncias.

A meiga japonesa nesse pensamento nobre, produzia sem duvida, o extraordinario milagre de transformar os chrysantemos do seu sonho nas violetas roxas e tristes da sua conformação...



A uma phrase d'elle que dá assumpto para um livro. O homem — diz elle

— feito para a guerra. E a mulher para o prazer dos guerreiros. Simplificando, porque mesmo dentro da simplicidade de Nietzsche muita gente vê tudo complicado: O homem nasceu para a luta, para o trabalho. E' o desperdiciador de energias. E' o construtor do mundo. E' o manda. E' o que faz. E' a grande força activa da humanidade. A mulher é o seu complemento. Foi feita para o encanto da sua vida. E' o surtete que faz deliciosa uma tarde de verão.

Eu estou de accordo com o pensador germanico dos ligodes grandes. Elle é positivamente genial. E em muitos pontos supera até Jesus Christo, cujas idéas, como as interpreta a Igreja, não se adaptam mais em grande parte ao espirito do século.

Mas a vida nem sempre confirma, na pratica, as theorias do philosofo. As mulheres devem mesmo ter sido feitas para o prazer dos guerreiros. Mas ás vezes deixam de ser o prazer, e se transformam num general que commanda batalhas sente o desprestigio de todos os seus galões.

Vejam o exemplo de Lord Nelson. Na praça de Trafalgar a praça dos heróis da Inglaterra — Nelson é o que tem a estatua maior. E' maior que todos os reis. Na Inglaterra — onde ser almirante é um ideal maior que os outros ideais — Nelson foi o grande almirante.

Uma vez — parece que foi nas vespas da grande batalha — elle offereceu uma ceia ao seu estado maior e aos outros almirantes. Mas tarde lady Hamilton viria buscá-lo.

A' meia noite a ceia não tinha ainda terminado. Nelson, ao centro, presidia. Os almirantes centavam aventuras.

Abre-se a porta do salão de jantar. O mordomo annuncia lady Hamilton. Ella apparece na sua esquisita belleza.

— Lord Nelson, estou á sua disposição...

E o almirante, que esmagára esquadras, levantou-se, sorriu, disse duas palavras bonitas de desculpa aos outros almirantes e sahio com lady Hamilton...

— E' que as mulheres não foram feitas para o prazer dos guerreiros — dirão as mulheres...

E o lord Nelson responder:

— Mas se o meu prazer maior é destruir esquadras e é fazer tambem, depois, o que as mulheres querem?

— Quem sabe, Pedro Ivo, se Dulcemar não será nesse caso a minha lady Hamilton? E eu? Que pobre Nelson que eu sou... Sem esquadras, sem espadas, sem nada... Guarde para você este segredo... Não diga nada a ninguém. Toda gente acharia graça se soubesse.

— Mas se você tem na vida um caso de amor, para que essa tristeza?

— E você acredita que haja alegria nos casos de amor?

— Eu acho que o amor é a maior de todas as alegrias...

— Pensamentos de quem só tem 24 annos, Pedro Ivo... O amor é uma

coisa triste. O que é que a gente quer ouvir quando ama, quando se acorda de alguém que deve estar pensando na gente?

— Um pouco de musica. Eu pelo menos sou assim...

— E que musica?

— Um tango, uma valsa de Viena, uma canção brasileira...

— Musicas tristes, todas ellas.

Porque a gente sente realmente que ama quando vê que falta um certo sorriso na vida da gente.

E a saudade desse sorriso só é gostoso quando vive ao compasso de uma melodia bem sentida...

As marchas militares fazem com que a gente queira bem á vida. Fazem com que a gente tenha vontade de caminhar, de ir para a frente, sem saber para onde ir. As melodias tristes despertam outra emoção: a emoção de querer bem a uma determinada coisa da vida, de gostar de alguém. E' por isso que o amor, parecendo ser feito de sensações bizarras,

MISS ROMANCE

BRASIL GERSON

(CONTINUAÇÃO)

é no intimo melancolico.

— Você concorda comigo, José Maria

Marconi...

— Quem sabe? O pensamento depende do tempo, do clima, da comida que se come, da bebida que se bebe, da pay-sagem que se vê...

Um homem que possua bom fígado não pôde achar nada ruim depois de um jantar bem gostoso...

Apostou para um quadro que estava na parede:

— Você está vendo aquelle quadro? Não gosto d'elle. Não gosto da arte de pintar quadros. O pintor copia, e a copia é sempre inferior á realidade. O romancista é o unico artista que pôde superar a realidade. Os photographos e as machinas modernas de impressão a cores mataram a pintura. Mas aquelle quadro modificou neste momento um pensamento meu. Eu disse ha pouco a você que não se casasse. Aquelle quadro me dá agora uma vontade louca de me casar.



COPACABANA

— O quadro? Porque?

— Porque eu imaginei a delicia de uma casinha assim, á beira de uma estrada, uma pinheira defronte, ao morro, e a luz nascendo por trás das pinheiras...

— Tudo tão melancolico...

— Isso mesmo: tudo tão melancolico... E tudo tão bonito, tão alegre! E que você não sabe que a alegria é uma sensação toda interior. Vá uma noite ao cabaret e repare bem: cabaret parece um cock-tail de coisas e casos festivos. Sorrisos em todos os olhares. Gargalhadas. E depois, quando a musica pára? Quando as luzes se apagam?

— Melancolia... A vida vadia...

— De onde se conclue que para ser feliz e alegre o homem não precisa de scenarios festivos. Os namorados procuram a solidão, instinctivamente. E' que mora dentro d'elles a felicidade...

11

Na vespas da partida de Miss S. Paulo para o Rio houve um jantar de despedida na palacete do Jardim America.

Um "maitre" do Terminus foi convidado para dirigir-o. E mais de dez pessoas importantes sentaram-se á mesa. Dulcemar ao centro, presidindo. Eu á sua esquerda, e um velho senador á direita. E á minha esquerda, uma pequena que eu não conhecia ainda, chamada Iracema, confidente e a amiga intima de Dulcemar.

Reparei que durante o jantar Dulcemar e Iracema conversaram muito através de signaes mysteriosos, que eu não comprehendia, e que a conversa vivia sempre o meu nome.

Ellas estariam fazendo ironia em torno das minhas intenções romanticas?

Foi essa a minha impressão, e eu perdi inteiramente a fome.

A' hora do vinho o "maitre" apresentou um velho Bordeaux e por causa do frio que fazia elle trouxe a garrafa dentro de uma vasilha de agua morna.

O senhor Evaristo protestou em altas vozes.

— Que é isso? O senhor quer ferver o vinho?

— Quero elevar um pouco a sua temperatura...

— Que idéa! Bote o vinho no gelo!

Dulcemar concordou com o senhor Evaristo.

— Você não acha que esse "maitre" é analfabeto na sua profissão?

— Acho que é um grande "Maitre"...

— Botando o vinho na agua quente?

— Entende de vinhos é uma arte das mais complicadas, é um requiste esquisito do paladar. E' preciso saber tomar um vinho raro para que elle tenha o sabor que deve ter. Um velho Bordeaux, de uma certa idade respeitavel, deixa de ser um velho Bordeaux não estando ligeiramente morno, e um champagne de 1911 perde o seu melhor paladar sendo gelado demais. Para que beber vinhos caros sem saber aproveitar o que ha de bom nos vinhos caros? Diga isto ao senhor Evaristo...

A' hora dos licôres o senador pediu um "cognac".

— Prefiro este, que era o "cognac" de Napoleão. Este Courvoisier

O "maitre" não encheu o calice todo.

Elle reclamou. Queria o calice bem cheio, e eu levei dez minutos explicando-lhe que um "gentleman" não enche o seu calice, porque precisa conservá-lo alguns minutos entre as mãos, á espera que o calor das mãos dê ao "cognac" um gosto melhor, mais requintado...

— E a mulher dos olhos de gata como vai? — me perguntou Dulcemar sorrindo ironicamente.

— E' verdade... — adiantou Iracema. Você não falou hoje do seu romance telefonico... Estão brigados?

— Não... Não estamos. Foi um esquecimento meu.

— Ella é bonita?

— Não posso dizer, Dulcemar. O que eu posso dizer é que ella pensa em mim o dia inteiro...

— Meus parabéns...

Iracema difficilmente pôde evitar uma gargalhada quando Dulcemar me fez esse elogio. Senti então o meu amor proprio offendido, e reagi.

— Se vocês pensam que esse romance é fantasia, contractem detetives para vér se é ou não.

— Para que detetives? Eu sei que não é fantasia — respondeu Dulcemar.

E Iracema informou:

— Eu sei até quem é a mulher que te telefonou...

— Você sabe?

— Juro que sei...

— Não é possível!

— Ora essa...

— Então diga. E prove também.

— Digo, Dulcemar?

Eu fiquei numa inquietação doída.

Dulcemar ficou vermelha.

— Pôde dizer...

— Quem é?

— Está ao seu lado... A' direita...

— Dulcemar?

— Ella mesma...

— Dulcemar?

Dona Maria já tinha prestado atenção á conversa, e Dulcemar e Iracema responderam com evasivas estabelecendo uma grande confusão em torno de tudo.

Eu não sabia o que fazer entre uma e outra.

Tirei um cigarro e acendi. Dona Maria não olhou com muito prazer para o meu cigarro. Tive que desistir de fumar-o, depois de allegar que ainda ha pouco, numa universidade norte americana, o director permitiu ás senhoras, como acto de elegancia não prejudicial ás senhoras, o uso de cigarros de fumos fracos e perfumados.

O d. Eusebio levantou-se para saudar Dulcemar.

Elle era o orador official de Miss S. Paulo.

Lembrei-me daquelle seu primeiro discurso, no dia em que a sua dentadura cabiu dentro do prato de doce de leite, e o meu estado de espirito aggravou-se ainda mais.

Se a dentadura cahisse de novo, eu teria fatalmente um outro frouxo de riso, e o meu romance de amor se desmancharia.

Que praga horrivel, a dos discursos!

A palavra é a maior de todas as forças humanas e ella sózinha resolve todos os problemas. Por isso é que devia ser empregada com muita cautela.

Ha sobre a terra um povo — não sei bem que povo — que adora a palavra como se adora a Deus. Ella está gravada atraz de todas as portas, em todas as casas, e significa mesmo Deus.

No entanto o emprego da palavra escripta ou falada é um direito que toda gente quer usar, e pensa que pôde usar. Ninguém faz uma casa sem ser constructor, ou um sapato sem ser sapateiro.

Mas acha que tem qualidades de poeta, de orador ou de declamador de poemas.

O mundo seria outra coisa se houvesse um controle severo sobre o uso da palavra.

Qualquer pessoa critica a obra de um administrador que leve uma existencia aperfeiçoando-se na especialidade de sua administração.

Qualquer pessoa aggride impune a paciencia de um auditorio dizendo palavras repetidas, inexpressivas, sobre valores que absolutamente não existia.

Eu queria conversar com Dulcemar e não podia.

O dr. Eusebio continuava evocando a Grecia e falando de Helena a proposito da belleza de Dulcemar.

— Elle se refere a Helena Costello? — indagou Iracema.

— Eu penso que elle se refere a Helena de Troia...

— Não conheço. E' da Paramount?

— Ainda não entrou para o cinema...

Quando o dr. Eusebio acabou de falar, dona Maria se voltou para mim e disse que tinha chegado a minha vez.

— De que, dona Maria?

— De falar também.

— Mas eu não sei falar...

Não diga isso!... O senhor escreve coisas tão bonitas!

— Escrever é diferente...

— Fale, Pedro Ivo! Fale!...

Iracema collocou logo a questão num ponto de vista mais serio:

— Faça um bonito, Pedro Ivo...

Dulcemar está ao seu lado...

E foi então que eu comecei a acreditar naquella classica emoção que embarga a voz dos oradores. Pareceu que eu estava com um nó na garganta. Queria falar e não podia. Mas arranhei, por fim, um grito de sahir do embaraço, dizendo que depois das palavras eloquentes do dr. Eusebio as minhas palavras periririam todo o encanto.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Ainda não entrou para o cinema...

Quando o dr. Eusebio acabou de falar, dona Maria se voltou para mim e disse que tinha chegado a minha vez.

— De que, dona Maria?

— De falar também.

— Mas eu não sei falar...

Não diga isso!... O senhor escreve coisas tão bonitas!

— Escrever é diferente...

— Fale, Pedro Ivo! Fale!...

Iracema collocou logo a questão num ponto de vista mais serio:

— Faça um bonito, Pedro Ivo...

Dulcemar está ao seu lado...

E foi então que eu comecei a acreditar naquella classica emoção que embarga a voz dos oradores. Pareceu que eu estava com um nó na garganta. Queria falar e não podia. Mas arranhei, por fim, um grito de sahir do embaraço, dizendo que depois das palavras eloquentes do dr. Eusebio as minhas palavras periririam todo o encanto.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

E me sentei sem dizer mais nada, certo do meu fracasso lamentavel.

Dulcemar me disse bem baixinho uma palavra de queixa, e a sua queixa me fez um bem enorme á alma.

— Só, isso, Pedro Ivo? Eu pensei que merecesse mais de você...

Era a prova de que ella no intimo continuava gostando de mim.

— Debo pela felicidade de Miss S. Paulo!

Mas porque organizara ella então aquelle trupe de telephone? E seria ella mesma? Eu conhecia tão bem a sua voz. Não podia comprehender o que estava acontecendo.

As 10 horas estavam todos no theatro, alojados em tres frizas reguidas.

Eu consegui, muito difficilmente entrar na friza de Dulcemar, porque todos os da vasta committiva eram também candidatos a ella.

Dulcemar estava em evidencia. Andar ao seu lado era andar logicamente em evidencia. E a evidencia é uma coisa que seduz.

Conheci um senhor de muito dinheiro que deu um dia mil contos a um hospital para poder ser assim um homem celebre. Não praticou um acto de caridade com esse gesto, porque exigiu photographos e reporteres á hora da entrega do dinheiro.

Elle era o homem que tinha dado es mil contos de esmola, uma curiosidade como tantas outras. Como o homem que veio a pé de Matão Grosso, por exemplo...

Dulcemar não gostava das minhas perfidias e estranhava muito o facto de não querer eu estar ao seu lado nos lugares publicos.

— E' que nos lugares publicos você não passa de Miss S. Paulo, uma mulher notavel que precisa cumprimentar toda gente, visitar exposições, dar retratos com dedicatorias gentis a quem você não conhece. Muito interessante e a Dulcemar sem esse aspecto de Miss, longe da opinião publica, fazendo confidencias á lua...

Eu bem notei nos olhos de Dulcemar o desejo de me fazer também uma confissão, mas nos olhos de Miss São Paulo o que havia era um sorriso de ironia.

Miss S. Paulo não podia render homenagens a ninguém. Era da sua função receber homenagens.

Mas ás vezes eu a surpreendia em attitudes romanticas, os olhos parados, como se estivesse sonhando.

— Estaria pensando em mim?

Perguntei se estava.

Respondeu que eu devia deixar de ser convencido...

— A' meia noite nós vamos tomar chá na Selecta. Você também não vai?

— Não.

— Não vai?

— Eu não faço parte de cortejos...

— Pois então você nunca mais falará comigo...

A' meia noite e 15 eu appareci na Selecta. Ao lado della estava um rapaz qualquer. Compreendi que era para despertar o meu riso. Fiz uma reverencia, cumprimentando-a. Ella não respondeu.

Sentei-me um pouco distante com uma mulher qualquer. A confeitaria inteira prestava attenção a todos os movimentos de Dulcemar. Eu não.

Mas a minha vontade era de me approximar da mesa onde ella estava e tirar do lado della, violentamente, aquelle rapaz qualquer que olhava para mim com pouco caso.

No dia seguinte á hora do almoço me chamaram ao telephone.

— Sabe quem está falando?

Se eu sabia... Respondi que não.

SEGUNDO a versão mais aceitável até hoje, Lola Montès foi directamente conduzida por um empresário, de Bruxelas a Munich, onde teria estreado como dançarina hespanhola. O general prussiano em disponibilidade Kresgner afirma que os factos não se passaram assim, e desse acontecimento faz uma narrativa curiosa, pois, ao mesmo tempo relata pequenas occurrences passadas na Alemanha há 60 annos.

Era em 1940 — o autor deste artigo contava apenas 10 annos.

A família Kresgner festejava um anniversario natalicio, quando, no meio do banquete, chega todo esbaforido um laço, em busca do tio Hannibal, chefe do esquadrão honorario (o exercito de Sua Alteza Serenissima continha apenas 80 soldados) e grande escudeiro. A ausencia desse alto dignatario foi longa, e a familia resignou-se a servir-se sem a sua pessoa.

Quando elle voltou, já os convidados haviam formado varios charutos.

Interrogado, sobre os motivos de tão inoportuna retirada, que lhe tinha sido imposta, contou (enxugando frequentemente a fronte banhada de suor), que fôra obrigado a organizar uma muda de cavallos até a estação, dar instrucções ao mordomo da corte, ao mestre de hotel, ao chefe de cozinha, em uma palavra, a todo o pessoal do castello, "porque o principe (de Reuss-Greiz) esperava uma dama com quem fizera conhecimento em Londres, e que acabava de lhe annunciar inopinadamente sua visita".

Chegaria no dia seguinte a Leipzig, onde as equipagens da corte deveriam esperá-lo. Não se sabia certo quem era essa pessoa, entretanto, o official ás ordens, que havia acompanhado "Serenissima" a Londres, estava certo de que se tratava de uma dançarina. Os protestos que esta revelação levantou, provaram ao tio Hannibal que teria sido mais prudente nada ter dito.

No dia seguinte o pequeno Kresgner, curioso, pelo que ouvia de seu tio, fugiu da casa paterna e correu ao castello onde todos trabalhavam febrilmente, para que os jardins, parques, cavalariças e apartamentos ficassem no mais alto grão de limpeza.

O chefe dos jardineiros cercou-se de auxiliares, a velha Neumeister e seus numerosos filhos arrancavam apressadamente as ervas que invadiam a calçada do pátio, o guarda do parque disfarçava com laranjeiras, palmeiras e loureiros o tanque (que servia ao mesmo tempo de piscina), Luiz o creado francez, de Sua Alteza Serenissima, corria de um andar para o outro, abria as janellas e as portas, subia ao telhado e mudava as bandeiras muito desbotadas que indicavam a presença de "Monsieur" no castello. Um outro creado collocava tapetes, sobre a grande escada,

um terceiro pregava sobre a fachada principal enormes grinaldas de folhagens... O chefe de cozinha vestia um uniforme de immaculada brancura, e a dupla sentinella escala para guarda do palacio envergava o grande uniforme, barretina a hussard com penacho, costume branco com reverso escuro, calças brancas e longas polainas de drap preto... Todo o pessoal estava em movimento, como para uma formatura. Entretanto, para o pequeno Kresgner o tempo corria lentamente. Emfim, pela volta das 3 horas, a grande diligencia vermelha, com as armas de Tour-et-Taxis (encarregados dos correios allemães) parou na praça, e o postilhão annunciou a proxima chegada da equipagem principesca.

Imediatamente funcionarios e dignatarios chegavam ao castello. Era o tio Hannibal quem vinha á frente.

Trazia chapéo de grande penacho branco, frak azul coberto de bordados prateados, grossas dragonas e alamares, calças de camurça, grandes botas com canhão, esporas douradas, enfim, uma espada de dimensões phenomenaes.

Atraz vinham o grande monteiro-mór, igualmente em grande gala, seguia-o o corpo de officiaes em grande uniforme de serviço. A guarda sahio por essa occasião e apresentou armas; e logo após o principe appareceu a janella. Para a cerimonia vestia um costume branco

recamado de ouro e chapéo de plumas. Apresentando com este uniforme um porte altivo; porém parecia nervoso.

E tudo isso por causa de uma bailarina! Mas ainda ha coisa melhor.

Toda a corte (inclusive as damas) foi convidada para o jantar que seria servido ás 5 horas precisas. Os homens dever-se-iam apresentar em uniforme de gala, e as senhoras em toilette decorada. Esta ordem provocou discussões em varios lares, principalmente, o pae do autor deste artigo, viu-se obrigado a recorrer aos mais serios argumentos para vencer os escrúpulos de Madame Kresgner, que estava contrariadissima por ter de hombrar "com pessoa tão suspeita".

Apenas apaziguado esse conflicto "uma carruagem á daumont desembocou na praça. Immediatamente, o principe acompanhado de seu ajudante de campo, veio collocar-se sobre o alpendre; atrás d'elle formando escala, um sobre o outro, Hannibal, o grande monteiro-mór e o corpo de officiaes, ao mesmo tempo a guarda sahio, apresentou armas e rufaram os tambores". Chegando ao centro da praça, a carruagem para a um signal do principe; um laço salta do assento, abre a portinhola, e fica em continencia, enquanto Sua Alteza Serenissima, beija a pequena mão que se lhe estende. O principe offerece



LOLA MONTES
De um croquis a lapis conservado no Gabinete das Estampas da Bibliotheca de Paris.

o braço á bella viajante, e a conduz ao castello. Chegadas á grande porta, apresenta-lhe seus funcionarios e officiaes.

Dispõe-se a proseguir o caminho, quando a "galhofeira" o deixa e corre a passar em revista os doze homens da guarda, cujo fardamento lhe sugere diferentes criticas, logo communicadas ao principe.

Os habitantes de Greitz não voltaram ao castello, pois os comentarios dos postilhões não eram de natureza a dissipar as suas duvidas.

A estrangeira — princeza ou dançarina, não se sabia ao certo, depois da partida de Leipzig, havia fumado, um cigarro após outro, tomou assento

cente a Sua Alteza Serenissima, e que, desde o primeiro momento havia demonstrado a mais viva sympathia á dama desconhecida. Um verdadeiro "coup de foudre".

— Ah! Você se conhece? perguntou ella ao garoto, que o bom 1616 acariciava.

— Sim, madame, é o meu bom amigo Turco.

Nesse meio tempo, o senhor Kresgner foi nomeado guia titulado de Lola Montès. Levou-a a passear em todos os recantos do parque e jardins, tendo nessa occasião uma das mais bellas preoccupações de sua vida.

Lola, sem se aperceber, estragava a golpes de chicote todas as flores ao alcance de sua mão.

As flores que o principe amava com loucura!

Quando se cançou deste exercicio, despediu o bom homem depois de lhe ter beijado as duas faces.

As festas succediam-se sem interrupção, mas trazia um bello dia sobreveio uma catastrophe.

Querendo dar á sua convidada a mais alta ideia do que elle chamava seus estados (que continham nessa epoca 30 mil habitantes) o principe levou-a a passear por todos os lados, a pretexto de reuniões campestres, almoços sobre a grama e outras distrações semelhantes.

A sociedade devia passar a manhã em Jägerlust, pavilhão de caça que o principe fez construir num sítio admirável. Um almoço a "la fourchette" fora preparado, e, o amphitrioque não se tinha descuidado de nenhum detalhe, organizou tambem um concerto de trombetas, a musica dos florestans, dos mouteiros e dos mouteiros.

Um còro de collegiaes disfarçados por uma multa de verdura e installados nos mais altos cimos das arvores, deviam alternar para alegrar o jantar.

Ao começo tudo ia bem, e o mais encantador bom humor reinava entre os convivas; infelizmente, os musicos não tinham sahido do conservatorio e, levados pela emoção, deixavam escapar dissonancias frequentes.

A principio, monseigneur mostrou-se impassivel; entretanto, a seguir, os trejeitos de Lola Montès (sua vizinha da direita), suas contorções a cada nota duvidosa, acabaram por impacional-o.

Como era um gentilhomem, nada disse, mas o còro dos meninos entoando, por infelicidade, o hymno nacional do principado, ella cada vez mais irritada, levanta-se bruscamente e, tapando os ouvidos, exclama:

— Fóra! Fóra! E' horrivel. Expulsae estes canalhas.

Para o caso se havia excedido. Saltar de sua cadeira, deixar a mesa, ordenar aos musicos e cantores a abandonar os seus logares, tomar Lola pelos pulsos e obrigá-la a sentar-se de novo, foi para o principe obra de um momento.

Teria elle apertado forte de mais os seus pulsos, ou teria o seu gesto sido mal interpretado? Não se sabe ao certo, facto é que então se passou desagradavel momento. "Os olhos da bella estrangeira reluziram, e com a mão que estava livre apertou o cabo do punhal que sempre trazia consigo.

Entretanto logo após se acalmoa. Sorriu, e retomou o seu lugar á mesa".

Tudo parecia esquecido, quando a fatalidade quiz que um dos jovens cantores menos apressado que os seus companheiros em obedecer ás ordens do principe, ou simplesmente para poupar os fundos de suas calças dominiquellas, desceu vagarosamente da arvore sobre a qual estava.

Logo que o avistou, Lola, que havia readquirido todo o seu "aplomb", excitou contra elle o Turco, que, segundo o seu habito, dormia aos seus pés.

O cão não se fez de rogado e o atacou pelos fundilhos tão poupados; o pequeno musico começou a dar gritos lancinantes. Monseigneur, muito emocionado, correu em soccorro do menino, e quando o viu livre de perigo, aproximou-se de Lola, e disse-lhe com tal severidade que surpreendeu a assistencia:

— Que isso não torne a acontecer, Madame! Aqui eu sou o dono.

— E eu a dona, disse ella, chacotando.

Era para fazer perder a paciencia a um simples mortal, muito mais a um soberano.

Em consequencia, a partida de Lola foi resolvida immediatamente, e o pae do autor destas linhas encarregado de a executar.

Quando elle disse:

— Sua Alteza, deseja que madame deixe ainda hoje os seus estados — ella repetiu a palavra que se attribue a Voltaire, e respondeu alegremente:

— Para isso não terei um longo caminho a percorrer.

Em reconhecimento aos bons serviços prestados por Kresgner pae, deu-lhe de presente um par de castanholas.

— Para que se lembre da minha estadia no vosso pedaço de estado, disse ella.

A partida de Greitz foi menos brilhante que a chegada.

Nem piquete, nem rufos de tambores, nem carruagem a daumont, nem cavallos de muda; um simples carro puxado por vulgares cavallos de posta. Conduzida directamente a Leipzig, Lola em seguida dirigiu-se a Dresden, munida de uma carta para Reissniger, chefe de orchestra do theatro real.

Essa recommendação de nada lhe serviu, pois partiu de novo para Munich, onde lhe esperavam os mais altos destinos. E, eis ahi, um novo ponto da historia esclarecido.

A Estreia de Lola Montes na Alle- manha

P. de Pardiellán

junto ao cocheiro, e deu-lhe no rosto com o leque, por não ter respondido a uma das suas perguntas.

Contrario ao que esperavam as damas de Greitz, Lola Montès foi de uma reserva e amabilidade encantadora. As reflexões que, á volta, Madame Kresgner trocou sobre esse assumpto com seu marido, despertou a curiosidade de seu filho, que no dia seguinte desde ás primeiras horas, evadiu-se de casa, e foi rondar através do parque, onde esperava ver de um momento para outro "essa dama mais tentadora que bella, de olhos de fogo e tez morena".

E não teve decepções nas suas esperanças, pois a viu mesmo de perto.

A apresentação foi feita, na volta de uma alameda por Turc, um grande cão pertencente



EM SÃO PAULO

Lembrança da festa de São Vicente de Paula, em Maio deste anno. Na photographia estão o actor Raul Roulien e o autor theatral Joracy Camargo, que hoje não andam mais juntos.

Festa de anniversario da menina Maria Auxiliadora Silveira

EM NITHEROY



José do Patrocínio Filho, o bizarro e enigmático prosador brasileiro, desaparecido há pouco em Paris, era um desses espíritos polymorphos predestinados a todas as anormaes modalidades desagregativas. "Blagueur" ou artista, sempre um luminoso. A sua personalidade subjectiva não perdia o característico de uma consistência rígida, definida.

Quando ha tres annos aproximadamente, Patrocínio visitou Porto Alegre, a cidade toda voltou-se, curiosa, para o intellectual que chegava, o homem que conhecia os carinhos amorosos da infortunada Matta-Harl, segundo se dizia.

Esqueletico, pequeno, de um bronze escuro accentuado, com falsas nos olhos, trazendo no organismo combatido a centelha traçoira dos toxicos e dos pós anorventes, Zéca, como também ficou sendo conhecido aqui, era um indifferente á vida, já que nella se integralisara, todo. Conhecia bem desde a idolatria opulenta e ignobil do amor e do interesse até a libertinagem dos preconceitos fallidos. Um bohemio apegado ao materialismo delicioso dentro de uma esphera de constante espiritalismo creador.

Patrocínio tinha expressão, tinha sentimento. A sua verve colorida e metallica era uma torrente caudalosa de belleza e exaltação.

Na conferencia que realizou no Theatro Apollo de Porto Alegre, Patrocínio arrebatou, solemne e superiormente, na apavorante narrativa da sua "sinistra aventura".

Uma palestra scintillante, vehemente, tendo cada expressão a violencia de um latego. Alguns institutos commerciaes inglezes, já na vespera, devolveram-lhe as localidades prevendo tudo o que Patrocínio iria dizer das prisões inglezas. E disse, de facto, com pujante sabedoria, intelligentemente, com propriedade marcial, com austeridade fulminante.

Ainda nessa noite, quando Patrocínio descrevia seu estado physico completamente depauperado pelo rigor das prisões britannicas, ao dizer, sentencioso, arrebatado, olympico: "e ao ver-me naquella estado chorei, chorei com saudade de mim mesmo", foi como se uma onda electrificante partisse dos seus labios. Um frenesi de forte commoção parec'a ter-se pulverizado sobre todos os que enchiam a vasta sala do theatro.

Isso nos fez pensar seriamente na capacidade de dizer. Um milagre de psycho-

Patrocínio

OLYNTHO SANMARTIN

(Porto Alegre)



Senhoritas Iracy Cruz, Gilda e Marília Silva, da sociedade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

logia. Patrocínio triumphara e o publico Porto alense comprehendera bem a complexidade cerebral do conferencista. Ao finalizar sua conferencia, Patrocínio desfallecia nos braços de alguns amigos, tal era o estado do seu organismo aggravado ainda por forte depressão nervosa.

Poucos d'as mais tarde, na séde do Club Caixaíral, com o concurso artistico de Leopoldo Fróes, realizava sua ultima conferencia em Porto Alegre.

Effectivamente foi a sua ultima conferencia. Ex'ito. Brilhantismo. Um triumpho mais.

Não ficou nisso a sua passagem pelo Sul. Incansavel, torturado, creador de sonhos novos e de novas concepções idealistas, sempre tinha um gesto de esperança clara para tudo que imaginava.

Fez a sua reportagem para a "Noite", de Emilio Kemp. Sensacional. Disfarçado em mendigo analysou com clari'dencia invejavel a complexa psychologia da caridade publica. Como é feita e por quem é feita; a esmola do pobre e a do rico; humildade e opulencia; validade e vicio. Um thema de vasta dissertação.

Patrocínio se impunha. Um valor, uma cabeça pensante. E em Porto Alegre viveu seus dias de gloria e de triumpho.

Na ultima vez que o visitamos no Grande Hotel, mostrou-se sombrio, mas imperturbavel.

Um máo presagio ambientava o apartamento. Falava instinctivamente em coisas de arte, no seu passado, nos seus dias de gloria e nos grandes momentos de infortunio. E daquella estrutura ossea, profundamente alterada, notava-se, numa fantasia de espirito, a fuga dos principios anatomicos reveladores de um

sér normalmente humano. Vida de artificio. Prodigalidade em tudo. Multo coração, generosidade, estravagancias.

A vida parisiense o empolgava. Paris... Paris era para o seu espirito incontentado uma obsecção continua e inseparavel.

Finou-se longe da Patria, mas junto á sua Paris dourada.

Entre a nossa correspondencia apparece-nos uma carta em que Patrocínio nos fala de um inedito que nos é offerecido juntamente com outro autographo. Não sabemos si se refere á uma estrophe lapidar que avaramente conservamos ou si a um trecho de romance que reproduzimos por nos parecer tratar-se da producção inedita de que nos allude o autor.

"Do livro "Quarenta annos de má vida do vagabundo José".

Eu nasci numa casa modesta da Rua Figueira de Mello, no bairro de São Christovam...

Casados quatro annos antes, meus paes já desesperavam de possuir um herdeiro, quando mamãe sentiu, emfim, symptomas de gravidez. Então, nervosa de sua natureza e querendo encarecer o seu estado, ella passou os mezes de gestação derreada e banzeira, gemendo como uma martyr!

A parteira Laurinha contando mais tarde o acto genetico, que foi laborioso, dizia que o Dr. Militão rebentava barbantes (não sei porque!) numa sala contigua ao quarto da parturiente. E eu vim ao mundo roxo e rachitico, sendo mister bater-me muito para me provocar o primeiro vagido.

Mas minha avó, que era uma preta simples, accorrida de Campos para me receber no limiar da existencia, poz tres velhas moedas de ouro no primeiro banho que me deram, conjurando os fados a que me tornassem forte, opulento e feliz..."

E' o trecho que possuímos.

Um inicio de romance, de uma vida. E em tudo o veneno da ironia, do escarneo. "Conjurando os fados a que me tornassem forte, opulento e feliz..."

Pobre Zéca.

Um actor que conhecia todas as forças, todas as situações interiores da vida. Sabia contornal-as, removel-as, vencel-as.

Só não venceu esse ultimo episodio de Paris: — o epilogo do grande drama que elle tão intimamente sentiu e superiormente interpretou — a sua vida.



Em cima: a bordo do vapor do Club São Salvador, senhoritas assistem às provas.

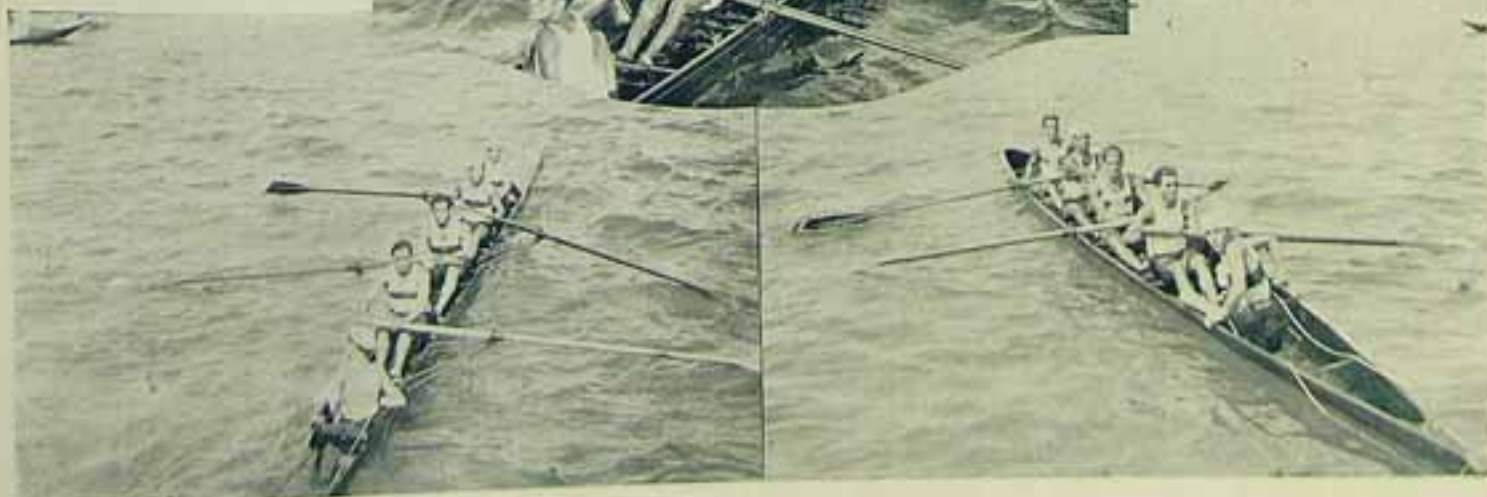
Regatas na Bahia

Em baixo, à esquerda: guarnição do Club Santa Cruz, vencedora do pareo de honra, Governador do Estado.

Em baixo: a primeira photographia é a da guarnição do Club São Salvador, vencedora do pareo "Natação e Regatas".



Em baixo, à direita: guarnição do Club Santa Cruz, vencedora da Taça Olga.



Um amigo meu chegou do Norte. E, para satisfazer o seu gosto de homem simples, eu deixei a minha noite do Casino para ir com elle, a um "curso de dança".

Todos conhecem uma "escola de dança". Sala com mesinhas e um espaço vazio onde nem se ensina nem se aprende a dansar porque todos já sabem. Resultado: cabaret de rapazes modestos.

Tambem, os dansarinos todos se parecem: são franzinos, vertem roupas irritantemente rastaqueiras e não têm dentes.

As dansenses têm as mesmas pernas dando poeira no vestido; os mesmos olhos engraxados de bella-dona e a mesma historia para contar aos coronéis sentimentaes...

Em negocio de dança, eu passo



Jantar intimo que um grupo de intellectuaes de São Paulo offerrecem ao jornalista Felipe de Rangel quando elle voltou da Europa.

ESCOLA DE DANSA

P O R

L U I Z M A R T I N S

no patriotismo. O maxixe irrita o minha linha de civizado. Ha uma obscenidade acintosa no desengonço e nos requebros cretinados dos dansarinos.

O maxixe é uma collecção de gestos feios, que eu não gosto de ver, como não me ha-

bituo aos nomes feios.

O meu amigo era do maxixe. A orchestra de mulatos tambem. E os dansarinos.

Mas eu notei que algumas pequenas gostavam mais do tango. E' uma observação interessante, que eu dou de graça

para os que gostam de observações interessantes.

Quando a orchestra tocava um tango, por distracção, o cabaret ficava triste...

As pequenas que ficavam sentadas punham um ar de novella

amorosa nas curvas das pernas que fugiam dos vestidos...

Uma, por acaso, poz os olhos em mim. Eu devia estar com uma cara muito bôba. Porque ella sorriu devagarinho...

Depois levantou-se e veio para a minha mesa. Perguntou se eu

não dansava. Eu disse que não e convidei para tomar qualquer coisa...

O tango era triste á bessa. Os violinos soluçavam, desesperados, uma dôr que ninguém decifrava. Por culpa desse meu atavismo racial de sentimentalismo, eu pensava em noites de bohemia romantica e livresca.

A pequena ficou a olhar para os sons que fugiam, torcidos em gemidos, pelas janelas abertas, para a noite da cidade adormecida.

Tinha os olhos negros e humidos. A bocca era o ensaio geral de um beijo.

Ficou assim quietinha, até o tango acabar.

Depois, contou-me uma historia dolorosa, para uso dos coronéis sentimentaes.

Será que eu estou ficando com cara de coronel?

Meu Deus! Tão moço!

Depois da missa

Senhoritas paulistanas

Em Santa Cecilia





Em cima:
Praça Barão do Rio Branco



Em baixo:
Mosteiro de São Bento

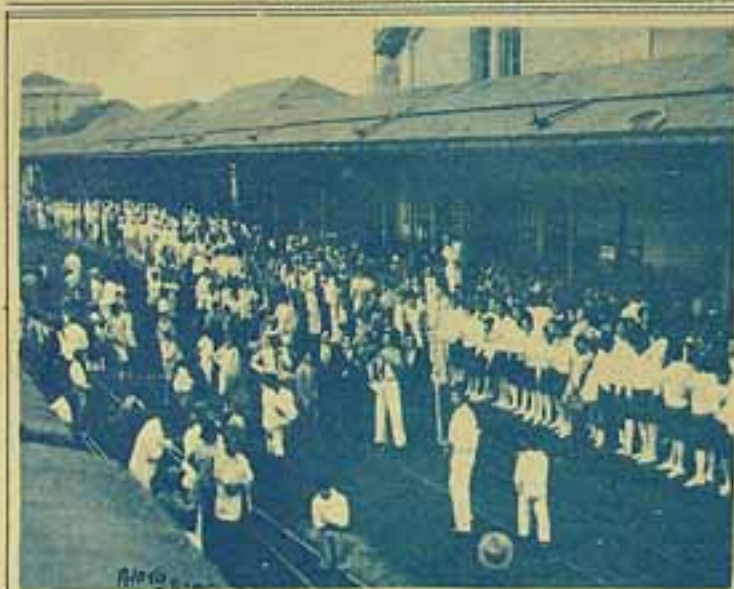
Cidade

de

Santos



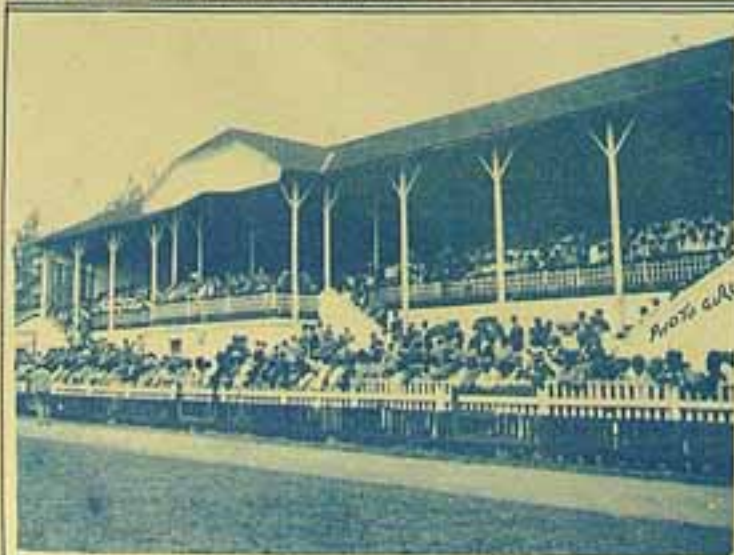
Famílias a espera dos doces que lhes serão servidos electricamente na empresa Luz e Força



NA ESTAÇÃO:
A' ESPERA DAS NORMALISTAS CASABRAQUENSES



ESTUDANTES:
RIBEIRÃO-PRETENSES FESTEJANDO AS NORMALISTAS DE CASA BRANCA



ASSISTENCIA DA FESTA ESPORTIVA NO STADDO DO COMMERCIAL F. C. DE RIBEIRÃO PRETO, REALIZADA PELOS ESTUDANTES LOCAES E PELAS NORMALISTAS DE CASA BRANCA.



SAUDAÇÃO DAS ALUMNAS E DOS ALUMNOS DA ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA, A' CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
(Photographia de Guller)



De Elegância




E U gostaria bem que você falasse um pouco da moda masculina...

— Se é a coisa mais uniforme que eu conheço, por que falar nisso? Velhos e moços, homens e almofadinhas vestem-se do mesmo modo. Estes, apenas, se diferenciam daqueles pelo exagero do corte das calças: quando estreitas, na generalidade, elles, que precisam destacar-se de qualquer maneira, mandam-nas fazer estreitíssimas; se largas, os almofadas entendem que cada perna de calça pôde perfeitamente confundir-se com uma saia de mulher. Nos casacos a mesma coisa. O jogo consiste na exageração. Atrahir pelo exotismo...

— Por que não diz, ridículo?

— Foi melhor ouvir da sua bocca. Assim, meu caro amigo, na estandardização da veste masculina não cabe muito commentario. Os homens não vivem a guarnecer-se como as mulheres. Além do excellentes talhe de roupa, alguma nua trahem o elegante. Mas não me provoque nessa questão de elegancia masculina. Eu penso que o homem elegante de maneiras, elegante de roupas não é o que muito se preocupa com isso. O mesmo se dá com as mulheres naturalmente elegantes, que tão bem se acham num vestido simples-modesto mesmo, como no mais rico. Na mulher es-



sencialmente elegante, graciosa, não se nota a preocupação do enfeite. Um laço, o modo de ajectar o ago no pescoço, o broche rematando o decote... falta qualquer coisa de especial na elegante, que se não define bem, mas que se sente, perdão, que se percebe, que se vê...

— A moda feminina é muito fantasiosa...

— Agora mais do que nunca. E é que é de alegrar, a moda feminina torna-se cada vez mais feminina. Os homens guardam o uniforme tradicional; as mulheres gozam de grande liberdade no modo de usar roupas, que, se hontem as vestiam de todo, hoje as despem...

— ...deliciosamente.

— Isso é com você. Com o movimento feminista pensaram as mulheres em estandardizar a propria roupa. "Over all" que a carnestia aconselhou aos do sexo forte e rigidez de linhas nos vestidos das do sexo fraco. Mas a moda foge, cada vez mais, dessa idéa. Embora se entreguem ellas, as mulheres, hoje, a labores de que só cuidavam os homens, não se devem tornar masculinas no aspecto. Aspecto, é restricção cabivel no caso, quer dizer — imposição — o eterno encanto da feminilidade.

— Quaes as novidades?

— Voltam á tona novidades de tempos idos. São, contudo, novidades, porque apparecem de novo. Ha, por exemplo, a fixação da cintura. «Esta andou, como sabe, durante grande temporada, transferida para os quadris. Procura, agora, voltar á sua localização natural. Com a nova idéa as saias parecem mais longas, e o são, realmente, talvez de meio centimetro... A cintura é marcada por um cinto, uma faixa, ou por um blusado. Sahiram os espartilhos inteiramente da moda.

A cinta ainda é usada. Mas a maioria das mulheres prefere a esbelteza pela gymnastica, pelos jogos esportivos. Lucra a saude e a silhueta toma flexibilidade juvenil. E' negocio. Natação, tennis, "footing" tomam lugar aos institutos de belleza, apesar destes ainda ganharem muito dinheiro com as pomadas e pós.

— Seis e meia. Chuvicosa. Vae para casa?

— Vou ao "aperitivo" espiar modelos para esta pagina.

— Aperitivo de mulheres?

Tomou fim a conversa, anim já tão grande, sob um toldo, na Avenida, cuja calçada é a mais profusa montra de figuras e figurinos.



Dois livros de Newton Bellera —
"Destroços" e "Kodak" — que recebi
com expressivas dedicatórias, e a crítica
tem elogiado à-farta. Transcrevo da
"Kodak":

"Kodak,
minha companheira
de focalização da vida...:
Amiga ou inimiga?
ingrata ou protectora?

Usando a tua sciencia
de reprodução do mundo
em recortes de paisagem,
colloco-me sempre,
inevitavelmente,
em sentido opposto
à tua objectiva...

Assim,
quanto mais me revelas o exterior,
mais me escondes...

Obrigado,
por tanta gentileza!"



Os detalhes das folhas
em ponto de "cor-
donnet".

SORCIÈRE



Agora, de "Destroços", só uma quadrinha
que mostra a "Indecisão" do poeta:

"Um gemido o peito arranca,
pois o fado me condemna:
— Eu, entre a morena e a branca,
fico entre a branca e a morena..."

Obrigada a Newton Bellera.

Os mais bellos moveis: de Albino Barros &
C. (Rua do Catete).

Os vestidos aqui estampados mostram a no-
va tendencia da moda: fixação da cintura na
cintura.

Ha dois para "soirée" e que eu vi maravi-
lhosamente executados pela Casa Leblon.

Secção de agulha: luvas bordadas e richelieu,
linha lustrosa sobre linho grosso.



Graphologia

A V I S O

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MARIA LUCIA (Juiz de Fora) — Não se admire da demora. As consulentes são tantas... e o espaço é tão pequeno para attender a todas com brevidade...

Sua letra vertical e arredondada é o espelho do seu caracter energico, reservado, um tanto frio, sem excluir bondade, franqueza, indulgencia, generosidade, doçura, mesmo. Outros signaes na sobre carta e na maneira de dispôr as quatro linhas e meia da sua sobria e elegante missiva mostram temperamento artistico, elegancia, distincção de maneiras, nobreza de gestos e de attitudes. Resalta ainda a discreta valdade natural nas encantadoras filhas de Eva, além da teimosia tambem muito natural nos mesmos... Teima, porém, em silencio, sem ruido; fazendo o que achou que devia fazer, não é assim, Maria Lucia. Aposto...

MISS...ANGA (Rio) — Em quatro linhas e meia, com uma dúzia de palavras, não é facil fazer um estudo completo. Direi entretanto, que as principaes caracteristicas da sua graphia são: bondade, indulgencia, doçura, um pouco de fantasia, elevadas aspirações, espirito maleavel, accommodatio, pouco amor á verdade...

Essas qualidades não excluem alguma reserva, energia e firmeza que se revelam no traço obliquo e forte com que sublinha sua assignatura.

ROSAS DE TODO ANNO (Rio) — Muito semelhança tem sua letra com a de Miss...Anga, o que denota identidade de caracter. Você, além do que já disse a respeito da Miss...Anga tem ainda amor ao confortavel, ao luxo, ás grandes viagens, alguma inconstancia nas amizades, faltando-lhe aquella reserva e firmeza que a outra tem, sendo, ao contrario, affavel; expansiva, boa camarada, não é?

GATO PRETO (R. Quitanda) — Letra sobria, pouca margem á esquerda do papel e quasi nenhuma á direita: moderação, equilibrio, prudencia, reflexão, reserva, economia, precisão. Vê-se mais poder de assimilação, deducção logica, actividade psychica, concatenação de idéas. Ha tambem indícios de bem marcada personalidade no traço com que frisa seu nome de familia. A maneira de traçar o endereço na sobre carta confirma todas as observações anteriores.

HUMILDE VIOLETA (Rio) — Não errei dizendo que a gentil amiguinha era do seculo passado, pois confessa que, embora "tendo nascido no seculo XX, pensa como as que nasceram no seculo anterior". Bem sabe que pela graphologia se "vê" a alma e não o



Senhorita Carolina Barbosa, da sociedade carioca.

physico. Ganhel ou não ganhel o doce? Seu physico eu bem que é joven, gracioso, lindo mesmo, porém seu pensar é o de uma "menina" de 30 annos passados. E faz muito bem. Está satisfeita agora? Mane dizer.

MITSI - CAMPINAS (Natal) — O traço predominante do seu caracter é



Em meados do mez de Dezembro, nas vespersas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôr um desejo, um ansio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surpresas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vai exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, enfim, contera o primoroso "Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

a bondade de envolta com um certo receio, desconfiança, acanhamento, vê-se mais espirito artistico, ordem, precisão, lealdade. Quanto á variedade no corte dos tt revela alguma volubilidade, incoherencia, ora reservada, ora franca, sentindo necessidade de se expandir, de confiar a outrem seus pensamentos. E' tambem um pouco indecisa, custando a tomar qualquer resolução. Intelligente, amiga das letras e com regular cultivo intellectual.

SARINHA - SULISTA (Rio) — Letra movimentada de espirito irrequieto, inconstante, activo, chelo de sensibilidade, insatisfeita sempre e outr'ora até com um pouco de estouvamento... Loquaz, alegre, delicada, attenciosa. Não demorando a attenção seja sobre o que fôr, fazendo tudo ás pressas e mal acabando para cuidar já em outra cousa.

Já que pede o horoscopo das pessoas nascidas a 27 de Maio, aqui vae elle: "São de espirito contradictorio por influencia de Mercurio, que as faz querer agora aquillo mesmo que, momentos antes detestavam e vice-versa.

Venus, contrastando com Mercurio, lhes tira o senso pratico e tino commercial que deviam ter, fazendo-as infelizes em negocios. Tem ainda os dons da poesia e da eloquencia, tornando-se artistas de grande talento".

ESTATUETA (São Paulo) — Sua graphia é a das pessoas nervosas, impacientes, desconfiadas, sem o menor senso da medida, um tanto voluntariosa, impulsiva, gostando de ficar sempre com a ultima palavra nas discussões e não admittindo que a contrariem.

O horoscopo das pessoas nascidas a 19 de Julho é este: conforme dizem os astrologos: "Por influencia do Sol são de natureza impetuosa, v'vaz, energica e generosa. Excessivas em tudo: no amor como no odio. Refreando esses impetos a Lua lhes dá uma certa melancolia e abatimento, ás vezes, resultante do desperdicio de energias. Viverão muitos annos, pois têm grande força vital".

CAUSUARINA (Rio) — Vejo na sua graphia de traços inclinados para a esquerda: dissimulação, desconfiança, contensão de espirito; isso, porém, é attenuado por alguma bondade natural, indulgencia e talvez até preguiça... Ha mais impaciencia, força de vontade, teimosia. Espirito critico e mordaz, assim como prazer em se vingar, não perdoando, nem esquecendo offensas. Bastante intelligente, porém, com pouco cultivo intellectual, apprehendendo rapidamente tudo pelo seu grande poder de assimilação. Economica, delicada, tendo, pelo menos no momento de escrever, uma preocupação qualquer lhe martelando a mente, não foi?

GRAPHOLOGO

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.

R. RODRIGO SILVA N 28

Telephone C. 1838

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. É empregado e recomendado pelas manicuras dos principais Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio.

Vantagens do Esmalte Satan:

- 1ª — Secca instantaneamente.
- 2ª — Não mancha nem racha as unhas.
- 3ª — Resiste à lavagem mesmo com agua quente.
- 4ª — Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.
- 5ª — É absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.
- 6ª — Dá um brilho e colorido inegavelmente, que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principais Perfumarias, Drogarias e Farmacias.

Nota importante — Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

ALVIM & FREITAS

Caixa Postal 1379 — São Paulo

A MELHOR PUBLICAÇÃO
ANNUAL

CINEARTE ALBUM

Nenhum grande artista do cinema deixou de ser contemplado com um bello retrato a cores.

Preço 8\$000
Pelo Correio 9\$000

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO
COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociais.

Telephone: 2-1691

A PASTA

limpa os dentes, tornando-os alvos e brilhantes e o Elixir



completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo-halito e evita as pedras.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza, collaborada pelos melhores escriptores nacionaes e estrangeiros.



A CERA MERCOLIZED E' A ARTE MAGICA DO EMBELLEZAMENTO

Em uma só noite, e como por magia, A Cera Para Mercolized redime o rosto feminino de todas as imperfeições que o affetam e o envelhecem. A Cera Mercolized applicada durante a noite enquanto a pessoa repousa, provoca a queda paulatinamente e em partículas imperceptíveis da epiderme exterior da cutis, fazendo com que a superfície venha resplandecer uma nova cutis, fresca, exuberante e bella como a da mais plena juventude. Adquirir A Cera Mercolized na pharmacia e faça uso methodico e continuado, segundo as instruções respectivas.

CRAVOS GORDUROSOS E DILATADOS

O novo tratamento da cutis do rosto por meio do methodo do banho espumante procura, como resultado immediato, a extirpação dos pontos negros, cravos e outras porosidades gordurosas que nos afetam. Este tratamento é absolutamente inoffensivo, agradável e de effectos immediatos. Tudo que é necessario fazer consiste, apenas, em deitar num vaso de agua quente um tablete de stymol, substancia que se encontra á venda nas pharmacias e drogarias. Quando tenha cessado a effervescencia que se produz ao dissolver-se o stymol, tem que banhar-se o rosto com o liquido assim obtido. Quando o rosto estiver secco, poderemos observar que os pontos negros terão sahido do seu logar para apparecerem na toalha; que os poros do rosto se terão contrahido, e que tambem terá desaparecido a gordura. Este tratamento tem que ser repetido, com intervallos de tres ou quatro dias, para dar caracter de permanencia aos resultados obtidos.

Villegiatura

(FIM)

casa, é bom que esteja preparado a não encontrar banheiros em numero sufficiente para os hospedes todos. Ah! ha vantagem de ter uma creada dedicada e os recursos, que percebe quando o banheiro fica desocupado e dispõe a sua toalha de banho. Póde acontecer a desgraça de haver uma antipathica creatura que experimente entrar inopinadamente. Ella conterá todo o mundo á distancia até que o esteja mergulhado na agua quente (si a caldeira é sufficiente para as necessidades de todos os convidados) e os po-

derá se lavar em paz, enquanto as creadas dos outros hospedes experimentam sorratamente a fechoria.

A gorgeta é uma invenção do demônio, mas enquanto esse costume tyrannico existir, o melhor é cada um dar approx'madamente a mesma quantia. E' máo dar gorgetas muito fortes, porque nem todos estão em condições e só serve para tornar os creados descontentes. A's vezes, esses mesmos creados que embolsam grandes gorgetas com muita avidex, riem-se daquelles que as deram.

Num "week-end" commum numa casa de campo, um casal póde dar ao mordomo dez shillings, ao creado que servir o marido, cinco shillings e á creada que servir a mulher, tambem cinco shillings. Ha tambem aquelle homem raro que limpa os sapatos e carrega as bagagens. Elle é ouvido raramente e nunca visto. Mesmo assim, é bom dar-lhe meia corôa quando acontecer encontrá-lo. Póde-se encarregar a creada de o fazer, mas em geral é melhor dar as gorgetas pessoalmente, do que dellas encarregar um outro creado. Uma senhora só, não precisa gratificar o mordomo e o creado, apenas a creada e o homem dos sapatos.

Numa partida de caça, além dos creados de casa, temos os guardas a cons'derar. Para um dia de caçada, é bastante dez shillings ao chefe dos guardas; para uma semana, embora pareça illogico, basta uma libra. São estabelecidas na mesma base as gorgetas para as caçadas a cavallo, embora sejam um pouco mais elevadas. Para um dia, dá-se uma libra; caso se f'que uma quinzena ou mais, duas libras serão accetitas com gratidão.

Os inglezes, tanto homens como mulheres, possuem uma arte especial de se vestir no campo. Compram e usam as que acham mais praticas e quanto mais velhas ficam, mais os seus pos-



suidores as apreciam. Os Inglezes orgulham-se da antiguidade de suas roupas de caça e das suas casacas e é com a maior relutancia que compram outras. Não importa andar esfarrapado; roupas bizarras como pyjamas de lã são olhadas com estupefacção.

O que foi dito ac'ma refere-se á Escocia, onde as roupas mais antigas são as mais usadas. Por favor não se deixe seduzir por alguma especie de salote "bastardo". Eu estava na Escocia, quando uma certa americana, fascinada, com certeza, pelo salote do dono da casa, appareceu vestida com composição imaginada por ella. Fez mais successo do que esperava; todos os escossezes examinaram-na com a maior estupefacção e o chefe exprimiu a opinião de que "ella assim vestida espantaria os proprios passaros a uma distancia de 50 milhas". Realmente, é o cumulo querer usar o salote de fam'ia que é propriedade exclusiva de cada tribu.

Todos sabem como empregar os titulos Inglezes, mas alguns dos Escossezes são mais complicados. Por exemplo, "The Mackintosh of Mackintosh". Em conversa, dirigindo-se a elle, d'ize "Mackintosh". Sua mulher é, estritamente falando, "Mistress Mackintosh", ainda que não seja indispensavel dirigir-se a ella dessa maneira. "The Master of So and So" (o Senhor disto e daquillo) é chamado "Master" por homens e mulheres igualmente. A respeito de titulos Ir-



O MELHOR PRESENTE DE NATAL PARA AS CREAMÇAS



ROUPA BRANCA SOB MEDIDA CAMISARIA PROGRESSO

2, PRAÇA TIRADENTES, 4 - TEL. C. 1880

landezes temos: "The Magillicuddy of the Rocks" e "The Knight of Kerry" (o Cavalleiro de Kerry).

Os Escoceses tomam muito a sério as lendas e fantasmas da família; e é preferível não fazer allusões a histórias que v. possa ter ouvido, pois as suas perguntas a respeito poderão produzir um silencio de descontentamento. Ha, por exemplo, o mysterio de Glamis, de que a familia Strathmore nunca fala; e o fantasma da nossa familia, o tambor, que toca musica diabolica quando menos se espera e sobre o qual não gostamos que nos façam perguntas.

Ha um velho costume observado em muitos castellos da Escocia, que poderá causar certa surpresa ao visitante. No fim do jantar, o tocador de gaita da casa, apparece com as suas roupas de gala e faz a volta da mesa tocando o seu instrumento. Durante essa cerimonia, a conversa é suspensa, e ninguém deve pronunciar uma só palavra até que o ultimo som tenha morrido nos longos corredores de pedra. Muitos catellões ficam furiosos si ouvem uma palavra durante esse ritual.

Nas casas de campo médias da Inglaterra, ha poucos divertimentos. As pessoas devem se distrahir por si. Mostrarão a V. os estabulos e as estrebarias e V. ficará conhecendo o "pedigrée" de cada animal até a quinta ou sexta geração. V. deverá rir e suppor isso, pois é a alma da vida de campo na Inglaterra.

V. poderá não admirar os filhos dos donos da casa, mas "deverá" admirar os seus rebanhos.

LADY KITTY VINCENT.

O Parasita

(FIM)

não pagava, nem amanhã, nem depois de amanhã. Outras vezes, á noite, o conde e os seus amigos resolviam ir a um restaurante e divertir-se com mulheres. Convidavam-me por formalidade, de passagem, num tom que, por si mesmo, pedia recusa. Eu sabia que, dizendo "não", elles, com prazer, me deixariam em paz. Mas, — juro pelo verdadeiro Deus, nunca pude comprehender que força me impellia a ser o primeiro a correr para a sala de entrada e vestir, apressadamente, a capa. Ao jantar, faziam muito jogo de espirito, que acabava degenerando em licenciosidades. Eu tinha que rir alto e de vez em quando, mas esse riso me dava tanto prazer como a um cão amestrado as suas habilidades. Se me occorria alguma idéa alegre ou algum "calembour" feliz, eu não encontrava

L E I A M

Espelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

ouvintes. Apenas abria a bocca que immediatamente me interrompiam. Todos desviavam-se de mim e, começando pela decima vez a mesma phrase, inutilmente procurava com os olhos um a um dos interlocutores: nem mesmo os seus olhares se encontravam com o meu.

O mais horrivel para mim eram as noites. Dormia num estreito quarto de passagem, que mais parecia um corredor. Servia-me de leito um velho sofá,



A mais luxuosa revista cinematographica, publicando detalhadamente os mais modernos films e assumptos da cinematographia moderna.

com a cortiça á mostra, uma elevação no meio e molas gastas. Os dois pés da frente eram substituidos pela minha propria mala. Oh! como odelo esse velho traste, que até um comprador de objectos usados recusaria. A' medida que o dia avançava, cada vez mais me assaltava um insupportavel terror da longa noite de insomnia que me espe-

rava. Finalmente, deitava-me. A silencio do meio do sofá machucava-me as costas, obrigando-me a uma curvatura incommoda, as molas cortavam-me, de lado, o traveseiro parecia estreito e escorregava de minuto a minuto. Em 3 minutos começava a sentir uma dor surda, insolita, na nuca e na espinha. A cabeça esquentava e, no meu pobre cerebro, as idéas saltavam e giravam num redomolho febril. Formavam-se planos incríveis, fantasticos, para o futuro; á noite, eu acreditava nelles, nesses planos, mas na manhã seguinte elles me assustavam, como um delirio de febre. Repassavam-me pela memoria todas as impressões do dia, cada palavra, minha ou dos outros, cada offensa, cada insulto, cada humilhação. Entregava-me a esse jogo de imaginação com um goso ardente, com profunda e estranha logica, de que só é capaz o espirito de um homem abandonado e insultado; e, despertando todas essas vis minucias, eu extrahia do fundo da alma uma lama tão repugnante, que... Não. Não se deve falar de taes coisas, mesmo no jury, mesmo em propria defesa. Os amigos do conde, quando passavam pelo meu sofá, gostavam de gracejar do seu aspecto mutilado. Chamavam-lhe "o leito de Procusto". No dia em que eu commetti o crime, um dos amigos do conde, o Sr. Loeff, convidou toda a sociedade para o restaurante, para se beber em regosio de uma herança que recebera. Eu tambem comecei a vestir-me. Quando sahimos pela escada, sem querer, bati no Sr. Loeff e pedi desculpas. Elle respondeu: "de nada, não tem importancia", mas depois acrescentou: "Pois Você, Flodoroff, está se incomodando inutilmente para sair. Ninguém o convidou". Eu parei no "perron", esmagado por estas palavras grosseiras. Os amigos do conde sahiram com algazarra. A' porta, um delles gritou: "Vá deitar-se no seu leito de Procusto". E outro acrescentou: "no seu leito de malandro que não paga "p'ra o custo". Elles foram-se ás gargalhadas. Voltei para dentro e deitei-me no sofá. Tinha uma vaga esperanza de que se arrependeriam e mandariam alguém chamar-me, mas ninguém veio. Por duas ou tres horas, chorei as lagrimas de fogo de uma colera impotente. O "leito de malandro" começou a me produzir a dor nas costas. Levantei-me. O odio ao sofá enchi-me o coração. Juntei uma caixa de chapéo, enchi-as de jornaes velhos, derramei kerozene por cima, puz tudo em baixo do sofá e accendi. Durante todo esse tempo eu estava numa especie de allucinação. Quando abri os olhos para a realidade, já todo o quarto ardia em chammas. Fiquei horrorizado da minha acção e comecei a gritar por soccorro. O resto os senhores jurados já conhecem...

Ap. D. N. S. P.
N. 275, de 2-7-1918

RUBINAT L LORACH

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA

ACQUILA-DE-PAI CONTRAFACÇÕES NACIONAIS OU ESTRANHEIRAS

O Presepe do "O Tico Tico"

A Companhia Dr. Scholl S. A., no seu luxuoso estabelecimento de artigos e para tratamento dos pés, na rua do Ouvidor, 162, continúa a expor o maravilhoso Presepe de Natal d'"O Tico-Tico". Assim é que, numa de suas bem organizadas vitrines, o magestoso presepe constitue curiosidade, aliás justificada, de quantos transitam pela aristocratica via publica.

COLUMBIA

Recebemos o n. 8 desta bem feita revista de approximação dos povos latino-americanos e que é dirigida pelo festejado escriptor Cristovão Camargo. O presente numero de "Columbia" vem farto em boa collaboração de escriptores nacionaes e de varios paizes sul-americanos, enriquecendo-lhe o texto photographias illustradas dos acontecimentos contemporaneos e bellos desenhos artisticos.

"Columbia" vae, deste modo, cumprindo sua nobre finalidade de pôr em mais frequente convívio os espiritos de eleição dos povos continentaes.

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES
PARA FUTURAS MÃES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)
Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.
Rua Sachet, 34 — Rio



"Vã dizendo
a toda gente"
que o
**ELIXIR DE
INHAME**
DEPURA-FORTALECE-ENGORDA



**Esmalte - Creme -
Água de Colonia
Gaby**

Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.

REALAR



Na sala de espera do Theatro Guarany, antes da vespertina de "Unica". assignalada a senhorinha Almira Braga Teixeira, Miss "Unica". Do outro lado, a querida Miss Bahia, que presidiu o concurso da nova e linda revista bahiana.

Dois assassinos de génio

THEODOR DE WYZENA

(FIM)

qualquer outro, a profunda originalidade do temperamento de Lawrence. Mais foi sobretudo as obras antigas que elle se afficou. — "As obras contemporaneas, disse elle, me perturbam, me atordoam, não posso ver bem as obras de arte senão através do prisma do tempo.

Ha para mim pinturas como poemas ás quaes não aprecio o valor que, quando as vejo impressas; é preciso que cincoenta annos tenha passado sobre um quadro para que, ao meu ver, elle tenha adquirido a perfeição. Não parece que tenha amado muito a arte da idade média, mas também pessoa alguma em seu tempo tinha o gosto dos primitivos. Os mestres da Renascença, ao contrario, o apaixonavam, e mais ainda os artistas gregos. "Elle falava, diz de Quincey, com um accento de sinceridade e commoção profundas, como se falasse com'go mesmo".

Seus artigos lhe valeram a amizade de todos os artistas e letrados inglezes, e as pinturas que ao mesmo tempo expunha, — sobretudo uma numerosa serie de aquarellas de admirável encanto poetico, ainda mais realçou sua reputação.

O pintor e poeta William Blake não occultava o alto conceito em que o tinha.

A sua belleza, a elegancia de seu porte, o seu habito de offerecer magnificos jantares, tornaram-no o rei da moda.

Seu casamento com a bella Miss Abercrombie acabou por lançal-o na alta sociedade ingleza.

Compreende-se assim quão forte devia ter sido a commoção em Londres quando, em 1831, se soube que esse nobre artista, esse "gentleman" completo, era um falsario, um ladrão, um assassino.

Thomas de Quincey que o conheceu muito, affirma que os seus crimes que passaram para a historia, formam diminuto numero deante dos muitos que ficaram ignorados.

Assim é provavel, pois, Wainwright era um dilettante do assassinio; envenenava as suas victimas pelos mais fúteis motivos, e algumas vezes até sem motivo comprehensivel.

Affirma-se como certo que elle envenenou, em 1829, seu tio, Edouard Griffith, o bomfeitor que o tinha acolhido, educado, e que o adorava. Wainwright, com effeito, tomou-se de uma verdadeira paixão por Linden House, a casa de seu tio, e o assassinio do velho lhe pareceu, sem duvida, o meio mais simples para tornar-se possuidor da casa que lhe trazia tão suaves recordações.

Mas por que então no anno seguinte, envenenou sua sogra, mistress Abercrombie, com a qual sempre entreteve relações cordalissimas? Em seguida, envenenou sua cunhada, miss Elena Abercrombie, uma joven de quem tinha desenhado o retrato em Sanguinea, alguns dias antes de a matar. Para esse terceiro homicidio, parece ter tido o auxilio de sua mulher, irmã da victima. Antes do crime teve o cuidado de assegurar a vida da joven miss Elena, mas a companhia de seguros desconfiou dessa morte tão subita, e recusou-se a pagar a primeira prestação. Wainwright resolveu vingar-se. Foi visitar, em Boulogne-sur-mer, o pae de uma joven de quem era amante, e lhe aconselhou a fazer um seguro de 3 mil libras esterlinas; terminado o contrato envenenou-o misturando ao café uma dose de strychnina.

Volto em seguida a Paris, e durante quatro ou cinco annos de sua permanencia nesta cidade não se sabe o que fez. Não ousou voltar a Londres, pois sabia que a policia ingleza havia obtido provas de certos crimes que outrora cometera.

Um dia, porém, aventurou-se a voltar, em 1837, seguindo uma senhora a quem amava. Installou-se no hotel

Convent Gardem, e fez uma vida de meditação e estudos, quando um acaso o perdeu. Ouvindo barulho na rua como um tolo chegou a janella um policial o reconheceu, era o seu fim.

Foi julgado somente como falsario, seus homicidios não estavam ainda provados. Condemnado a degredo perpetuo, deportaram-no para Hobart, Fown, na Tasmânia. Ah! continua a dividir sua vida entre a arte e o crime. Lady Blessington, amiga de Dickens, recebeu em 1847, de seu irmão, que então fazia parte da guarnição de Hobart Town, um retrado de moça pintado pelo forçado Wainwright. Era uma obra delicada e elegante, tratada como a maior parte dos trabalhos de Wainwright, no estylo de Lawrence. Mas o pintor tinha dado aos olhos de seu modelo, uma expressão de crueldade que contrastava desagradavelmente com a innocencia infantil dos seus traços.

Por duas vezes durante o seu captiveiro Wainwright tentou, porém sem successo, desfazer-se por meio do veneno de pessoas, cuja companhia o importunava.

Morreu finalmente de um ataque de apoplexia aos 58 annos. Embora muito conversado e enclinado a confidencias, não gostava de fallar dos seus crimes, de modo que, o lado do assassinio sua psychologia ficou sempre muito encoberta.

Entretanto, parece certo que nunca essa creatura teve consciencia da immoralidade dos seus actos. Jamais fez sentir cousa alguma que se assimilhasse ao remorso. Conforme todas as probabilidades, o interesse entrou por menor em todos os seus crimes que pareciam antes dominados por um certo sadismo intellectual, um gosto quasi esthetico do assassinio, semelhante aquelle que dictou a Thomas de Quincey, o seu famoso tratado sobre: — O assassinio considerao como uma das bellas artes."

Assim biographias não faltaram a Wainwright em seu paiz. A ultima de Oscar Wilde, que consagrou ao pintor assassino uma especie de elogio notavel se quizermos ver somente uma intenção funebre e ironica.

ALMANACH DO "O TICO - TICO" PARA 1930

A ALEGRIA DAS CRIANÇAS
O MELHOR PRESENTE
QUE SEUS PARENTES E AMIGOS
LHES PODEM FAZER
PELAS FESTAS DO NATAL

apparecerá
em
Dezembro



Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

O TICO-TICO

O MELHOR E O MAIS POPULAR SEMANARIO
PARA A INSTRUÇÃO DAS CRIANÇAS



A Mulher

que quizer aprender a evitar a dor, os sofrimentos e os incommodos que, até hoje, têm considerado inevitaveis, devido ao seu sexo, deve sem demora fazer uso das maravilhosas

GRANTILHAS DO Dr. GRANT

Estas pastilhas foram feitas especialmente para as enfermidades da mulher, são facéis de tomar e encontram-se á venda em todas as boas farmacias e drogarias.

Unicos depositarios:

SOCIEDADE ANONYMA LAMEIRO

RIO DE JANEIRO



Aspecto da inauguração da casa de bilhetes da loteria "Ao Número da Sorte", na travessa do Ouvidor, 4, de propriedade dos Srs. Reis, Alvim & Cia. Inaugurado a 5 do corrente, a 7 vendia já "Ao Número da Sorte" um premio de 50.000\$000, o que é indício das grandes sortes que venderá no proximo Natal.

O VIOLÃO

Revista mensal para divulgação e cultura do instrumento. Publica em cada número músicas clássicas e regionais, escriptas para violão.

Acompanhamentos de íres das nossas canções mais em voga.

Uma lição da celebre escola do mestre hespanhol, Francisco Tarrega.

Photographias de nossas senhoritas e cavalheiros que estudam o violão.

Assignatura annual 501

semestral 251

Numero avulso 51

Redacção e Administração: RUA S. JOSE, 54 — 2°

A' venda nas casas de musica e pontos de jornaes.

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.



...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2° andar

GESSY

O "LEADER" DOS SABONETES

NATAL

DAS CRIANÇAS

MAIS
ECONOMICO
PRESENTE

MAIS
UTIL
BRINQUEDO

ALMANACH D' "O TICO-TICO"

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424



Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé". Salto baixo:
De ns. 28 a 32 23\$000
De ns. 33 a 40 26\$000
Em côr mulatinha mais 2\$000.



Fortes sapatos. Alpercatas typy collegial, em vaqueta avermelhada.
De ns. 18 a 26 8\$000
De ns. 27 a 32 9\$000
De ns. 33 a 40 11\$000
Em preto mais 1\$000.

Pelo correio, sapatos, mais 2\$500; alpercatas, 1\$500 em par.



32\$ — Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luiz XV, cubano médio.
42\$ — Em fina camurça preta.



37\$000

Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pontos e furos. Luiz XV, cubano alto.



Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beige, salto baixo:
De ns. 28 a 32 25\$000
De ns. 33 a 40 28\$000
Todo preto menos 2\$000.



Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typy meia pulsera, com florão na gaspea.
De ns. 17 a 26 8\$000
De ns. 27 a 32 10\$000
De ns. 33 a 40 12\$000
Em naco, beige ou cinza, mais 2\$000.

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

CINEARTE - ALBUM

A mais luxuosa publicação
annual cinematographica
brasileira

Edições esgotadas em 6 annos seguidos !

A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

SOCIEDADE ANONYMA "O M - A - L - H - O"

TRAVESSA DO OUVIDOR 21

CAIXA POSTAL 880 — RIO

Brinde aos leitores do O MALHO

Os assignantes annuaes do O MALHO têm
direito ao recebimento "gratuito" do

Almanach do O MALHO

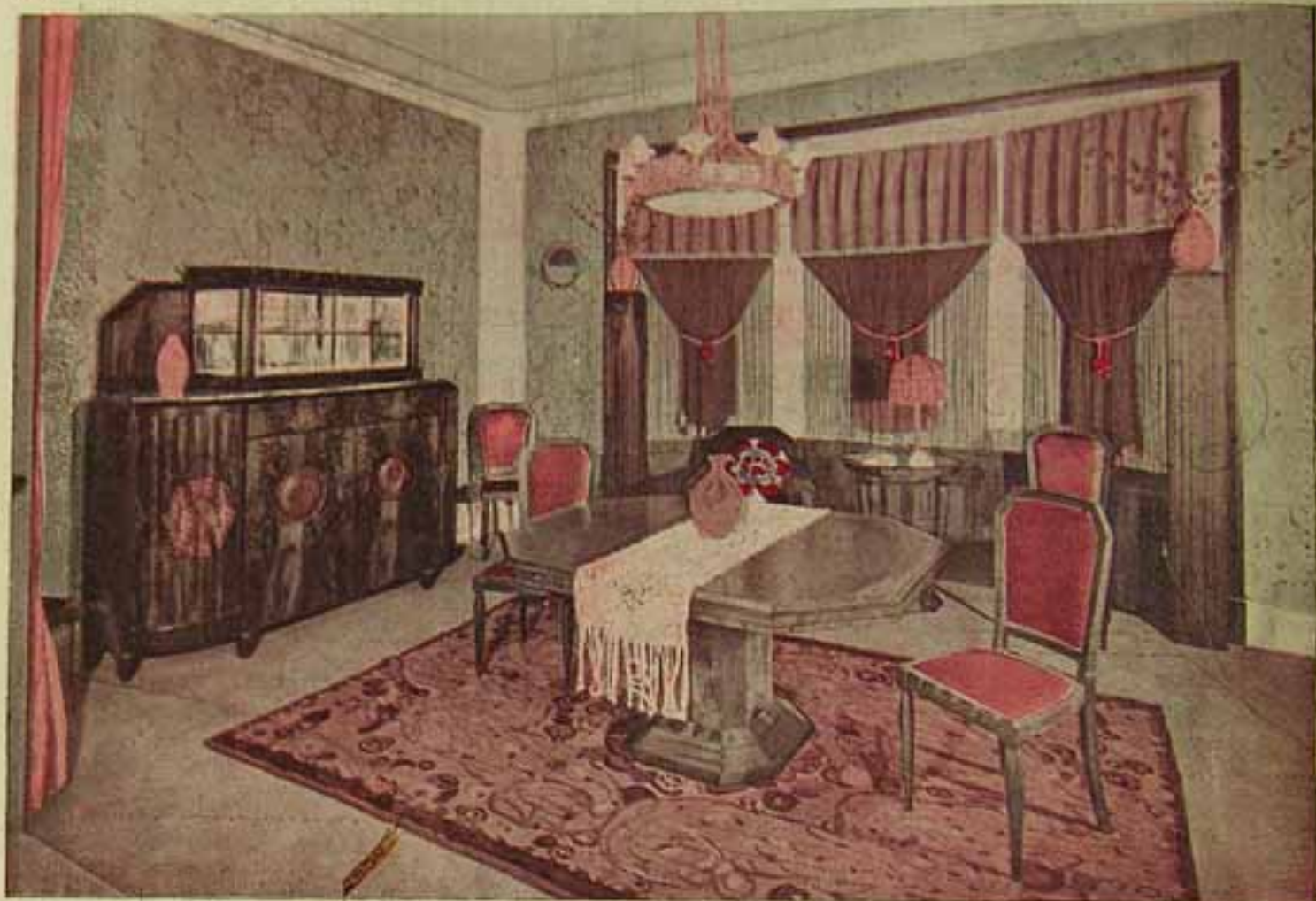
A "Pequena Bibliotheca num só Volume", cuja edição para

1930

ESTÁ EM ORGANIZAÇÃO

O MAIS ANTIGO ANNUARIO DO BRASIL E, PORTANTO, O QUE
MELHOR CONHECE AS PREFERENCIAS DOS LEITORES.

Edições esgotadas rapidamente em 4 annos seguidos !



Instalações Elegantes de Interiores

Projectos e orçamentos de instalações de casas,
apartamentos ou dependencias

MOBILIARIOS DE ESTYLO
TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES MODERNAS

ASA **UNES**
MARCA REGISTRADA

PREMIADA HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 :- Rua da Carioca, 67 :- Rio